



Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI



LIDERANÇA ESPIRITUAL

A Lei de Knight • Era uma vez o Pastor Alfa • Gerente ou líder? • O grande fundamento
Líderes para o tempo do fim • O xyz da administração



Willmore Eva

Ex-editor de Ministry

CHEFES, LÍDERES E PESSOAS

A maioria das pessoas concordaria que boa liderança é algo como uma orquestra de metais reunida no palco da vida, tocando uma linda música. Cada instrumento representa um modelo ou qualidade de liderança que tem seu valor específico, mas une-se a outros instrumentos e, juntos, criam uma harmonia cativante que transporta a audiência a uma experiência comum construtiva.

Ou, talvez, liderança de qualidade seja mais semelhante a uma receita de determinado prato, no qual toma-se um grupo de ingredientes cuidadosamente escolhidos, misturando-os em proporções dosadas. Depois de cozido ou assado, o prato está pronto para ser servido com o acompanhamento certo, de modo que a família fique satisfeita e nutrida.

Liderança é de vital importância para nós, em virtude de girar constantemente em torno de questões de poder e influência. Como pastores, representamos a liderança da Igreja. E, para lidar com os assuntos pertinentes a ela, estudamos volumosos livros, lemos revistas e pesquisamos na Internet. Analisamos entrevistas com líderes de sucesso, organizamos e participamos de congressos, e assistimos a videoconferências.

Mesmo em face de tudo isso, eu gostaria de mencionar que ainda existe um princípio jugular de liderança que precisa ser destacado acima de qualquer outro. Para descrevê-lo, necessito recorrer às vívidas palavras de um renomado erudito contemporâneo, William Glasser, que escreve sobre liderança no ambiente de trabalho em geral.

* Em seu livro *Choice Theory* [Teoria da Escolha], página 289, ele diz: “Mal temos conseguido tocar a superfície da prosperidade que poderíamos experimentar, se mudássemos do conceito de chefia para o de liderar no ambiente de trabalho. ... Não sou tão ingênuo para dizer que as pessoas não trabalharão duro para os chefes. Muitas o farão porque se vêem como trabalhadores dedicados, independentemente do tratamento recebido. Tais pessoas darão suas mãos e até o cérebro ao chefe. Mas entregarão o coração apenas a um líder, e o sentimento que experimentamos quando isso acontece é algo que um chefe jamais conhecerá.”

Chefe *versus* líder. Qual é a diferença? Note que os servidores “entregarão o coração apenas a um líder...” O núcleo da diferença entre um chefe e um líder reside no fato de que o líder captou a visão de quão decisivo é liderar atraindo o coração daqueles que trabalham consigo. Ele conhece o insuperável valor de liderar a partir dessa perspectiva. Embora o líder não seja capaz de fazer isso inalterada e consistentemente em toda situação, esse é sempre o fundamento essencial de uma liderança saudavelmente orientada. Ajuda a tornar mais palatáveis e efetivas certas atitudes que devem ser tomadas em tempos difíceis, quando o líder precisa agir como “o chefe”.

Um chefe simplesmente não captou essa visão. Quanto mais ele sente que não conquistou o coração dos seus liderados (uma frustração comum para ele), mais inseguro tende a se tornar, e mais propenso a agir com autoritarismo. E, quanto mais se comporta desse modo, mais sua abordagem afasta as pessoas. Assim, a tendência natural é tentar remediar o desvio tornando-se ainda mais autoritário. Essa forma de administrar ou simplesmente gerenciar – que não é realmente liderar – acaba se tornando seu estilo predominante e defeituoso.

Jesus foi, na realidade, o Líder maior. Seu modelo de liderança era o

discipulado, e essa é uma palavra-chave quando precisamos abordar o tipo de liderança que estamos advogando aqui. Cristo deu Sua vida inteira para modelar tal estilo de liderança (ver Mar. 10:32-45). Ele liderou com o supremo objetivo de alcançar as pessoas, de modo que elas se aproximassem e vissem por si mesmas a magnificência de Sua visão, e escolhessem segui-Lo, livremente e por sua própria vontade. Jamais Ele necessitou recorrer ao conceito de “chefia”. Se há uma área de trabalho na qual, pela própria natureza das coisas, é crucial ganhar o coração das pessoas que lideramos, essa área é a do ministério cristão.

Não deveríamos nos esforçar no sentido de sermos apenas bons líderes. Devemos, pela graça de Deus, procurar desenvolver um estilo de liderança excelente, genuinamente cheio do Espírito. Sim, devemos nos tornar líderes espirituais, cujas eficiência e efetividade são realidade porque, como Jesus, priorizamos as pessoas e ficamos felizes somente com uma abordagem que nos leva ao coração delas.

**As pessoas dão as
mãos aos chefes.**

**Só ao líder
entregam o
coração**



QUALIDADES DE UM LÍDER

Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI

Os dias atuais, os últimos e os mais difíceis da nossa História, exigem um ministério pastoral de alto nível, poderoso. Temos de ser os líderes espirituais descritos nestas palavras:

“A causa de Deus encontra-se, neste tempo, em necessidade de homens e mulheres possuidores de raras qualidades e boas aptidões administrativas; ... que observem paciente e inteiramente as necessidades da obra nos vários campos; que sejam dotados de grande capacidade de trabalho; que possuam coração fervoroso e bondoso, tranquilidade, bom senso, juízo imparcial; que sejam santificados pelo Espírito de Deus, e possam dizer destemidamente Não, ou Sim, ou Amém, aos planos propostos; que tenham fortes convicções, entendimento claro, e coração puro e compassivo; que ponham em prática as palavras: ‘Todos vós sois irmãos’ (Mat. 23:8); que se esforcem por erguer e restaurar a humanidade caída.” – *Obreiros Evangélicos*, págs. 424 e 425.

Entre as “raras qualidades” dos líderes da Igreja do século 21, empenhada na missão de tornar o evangelho relevante para o mundo pós-moderno, podemos enumerar as seguintes:

Ambição. Em si mesma, a ambição não é boa nem má; as motivações é que podem ser erradas. A ambição má é motivada pelo desejo de gratificação do eu, ânsia de exercer poder, e busca de enriquecimento pessoal. A ambição sadia busca a excelência no desenvolvimento dos dons recebidos, para dar o melhor testemunho, tendo em vista a glória de Deus.

Bom relacionamento. Inteligência emocional é um conceito moderno segundo o qual por mais qualificado que seja um profissional, estará em desvantagem se não relacionar-se bem com as pessoas. Uma das marcas de Daniel era seu “espírito excelente” (Dan. 6:3). Por isso, destacou-se nas cortes babilônica e medo-persa, sem recuar um milímetro em sua fidelidade a Deus e sem entrar no jogo da oposição.

Pureza de coração (Mat. 5:8). Nesse texto, pureza significa lealdade, isenção de orgulho e egoísmo; é humildade, abnegação, autenticidade, simplicidade, sinceridade. Os puros de coração possuem a graça da transparência. Nada têm a esconder. Como as superfícies inoxidáveis, entram em contato com a impureza, mas não se contaminam. Levam o Céu no coração.

Serviço. Jesus foi claro ao estabelecer a diferença entre os princípios de liderança mundana e os de Seu reino: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mat. 20:25-28).

Este modelo de liderança é o tema desta edição de *Ministério*.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 76 – Número 06 – Nov./Dez. 2005
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação: Lenice F. Santos

Revisoras: Josiéli Bueno e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos

Programador Visual: Marcos S. Santos

Capa: Montagem sobre fotos de Daniel de Oliveira, William de Moraes e Dynamic Graphics

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;

Nikolaus Sateilmajer; Júlia Norcott

Colaboradores:

Acílio Alves Filho; Arlindo Guedes;
Barito Lazo; Cícero F. Gama;
Francisco Carlos Bussons;
Guillermo Rojas; Ivanaudo B. Oliveira;
José Carlos Sánchez; José S. Ferreira;
Moisés Rivero; Roberto Gullón

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

www.cpb.com.br

Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br

Redação: ministerio@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970
Brasília, DF

Tiragem: 5.300 exemplares
5972/14748



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

11 GERENTE VERSUS LÍDER

Diferenças entre liderança secular e liderança espiritual.

14 A LEI DE KNIGHT

Uma reflexão sobre o verdadeiro alvo da missão adventista.

17 A HISTÓRIA DO PASTOR ALFA

Por que pastores altamente capacitados experimentam fracasso.

21 O FUNDAMENTO DA LIDERANÇA

Amplio estudo da principal característica de um líder.

24 DO VAZIO À PLENITUDE

Pastor conta como superou seus momentos mais difíceis.

27 O XYZ DA ADMINISTRAÇÃO

Como aplicar teorias científicas à liderança espiritual.

29 UNIDADE NA DIVERSIDADE

O papel do líder em unir as diferenças em sua congregação.

31 ENQUANTO ELE NÃO VEM

Um modelo de liderança para o tempo do fim.

Cartas**CRESCIMENTO EM CRISTO**

A nova crença fundamental, intitulada "Crescimento em Cristo", votada na última assembleia geral da Igreja, foi estabelecida em virtude de práticas evitadas de misticismos entre conversos em algumas regiões do mundo. Ela é fruto das discussões na Comissão de Assuntos da Missão Global, reunida em 2001. Minha experiência como missionário entre pessoas adeptas de religiões tradicionais na África, muçulmanos no Oriente Médio, hindus no sudeste da Ásia e cristãos na Europa me deixam convencido de que o melhor caminho para resolver o problema é explicar a essas pessoas que os espíritos invocados são, na verdade, anjos caídos disfarçados.

Ao mesmo tempo, devemos chamar sua atenção para as muitas ocorrências bíblicas, nas quais Deus enviou Seus anjos leais para proteger e guiar Seu povo. Esses são incidentes bíblicos tangíveis e serão bem compreendidos e aceitos pelas pessoas que vivem em um mundo onde espíritos de todo tipo são invocados, celebrados e se manifestam diariamente.

A declaração faz referência ao trabalho das forças demoníacas, mas pareceu-me não mencionar tão claramente o papel dos anjos bons, como foi sugerido pela já mencionada comissão que tratou do assunto. De qualquer forma, oramos para que ela contribua para esclarecer e libertar completamente sinceros irmãos que vivem em culturas onde forças espirituais da maldade desempenham importante papel na vida diária.

Borge Schantz, professor jubilado, reside na Dinamarca

Seções**2 SALA PASTORAL****3 EDITORIAL****4 CARTAS****5 ENTREVISTA****8 AFAM****9 PONTO DE VISTA****32 MURAL****34 RECURSOS****35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO**

"O problema que é a base para todos os outros problemas e desafios do adventismo é que a

Igreja ainda está na Terra e não no Céu" –

George R. Knight.

NA DEPENDÊNCIA DE DEUS

“Hoje, é inevitável que se espere qualidade no trabalho pastoral. Mas isso é uma motivação para dependermos cada vez mais do Espírito Santo”

por Zinaldo A. Santos

Nascido em Catende, zona da mata de Pernambuco, há 40 anos, o Pastor Ranieri Barreto Sales passou a viver em São Paulo desde os seis anos de idade. Foi nessa megalópole que conheceu e aceitou a mensagem do evangelho, através do seu irmão mais velho (Pastor Ronaldo Sales, atualmente na Associação Bahia), tendo sido batizado em 1983.

Em 1991, concluiu sua formação teológica no antigo Instituto Adventista de Ensino, atual Centro Universitário Adventista de São Paulo, Unasp, campus 1. Foi pastor distrital em São Paulo e Curitiba, diretor do Ministério Jovem na Associação Sul-Rio-Grandense e na União Norte-Brasileira, onde também liderou o Departamento de Ministério Pessoal. Em novembro de 2003, assumiu a presidência da Associação Amazônia Ocidental, Aamo, que abrange os Estados de Rondônia e Acre, com 39 distritos pastorais, 14 escolas, um internato e uma equipe de aproximadamente 50 pastores. Essa função, ele mesmo a descreve como sendo “a experiência mais desafiadora” do seu ministério até então.

O Pastor Ranieri é casado com Mara Núbia Sales, também formada em Teologia e Pedagogia. O casal possui dois filhos: Rennan e Renata. Nomeado secretário ministerial associado

da Divisão Sul-Americana, por ocasião da última assembléia geral da Igreja, realizada em St. Louis, Estados Unidos, em julho, ele se dá a conhecer ao pastorado da América do Sul, nesta entrevista.

Ministério: *Não tendo sido secretário ministerial antes, o que representou para o senhor ser indicado para essa função, no âmbito continental?*

Pastor Ranieri: Realmente, não é difícil imaginar que essa foi a primeira pergunta que fiz a mim mesmo, quando fui informado da nomeação. Porém, deve ser considerado o seguinte: o secretário ministerial de um Campo, União, ou mesmo da Divisão, como a própria nomenclatura diz, é um “secretário”. O diretor ou o presidente da Associação Ministerial é o presidente do Associação/Missão, União ou Divisão. O secretário ministerial é um auxiliar da presidência, para atender assuntos e necessidades que afetam pastores e anciãos, bem como suas respectivas famílias. Portanto, é de se esperar que, como presidente de Campo, o indivíduo sempre tenha alguma experiência em relação à dinâmica de atividades desse setor da Igreja. Mas, quero confessar que fui surpreendido



com a indicação. Sei que os desafios e as exigências da função extrapolam minhas limitações pessoais e me sinto na mais completa dependência de Deus para desempenhar Seu trabalho. Outro fator de tranquilidade é o privilégio de trabalhar junto e sob a orientação do Pastor Alejandro Bullón, que é o secretário ministerial titular.

Ministério: *Há um axioma segundo o qual o secretário ministerial deve ter um pé da casa do pastor e outro no escritório do administrador. Como exercer um equilíbrio tal que satisfaça as duas partes?*

Pastor Ranieri: Alguns vêem o administrador como aquela pessoa incumbida de executar a “lei” e punir culpados; e o secretário ministerial, como o advogado para defender a qualquer custo a pessoa envolvida em algum problema. As coisas não funcionam tão simples assim. Como já foi dito, o presidente é o líder maior da Associação Ministerial. Ele é o maior interessado no bem-estar do pastor e

sua família. Mais do que ninguém, deseja ver os pastores felizes e desempenhando bem seu trabalho. A questão é que o peso da administração consome grande parte do tempo e da energia do presidente. É aí que entra o papel do secretário ministerial. Podemos nos dedicar exclusivamente ao atendimento do pastor e suas necessidades. Por essa razão, naturalmente, estamos mais próximos e mais dispostos a ouvir, aconselhar, sugerir e ajudar. Mas também podemos, e devemos, colaborar com a administração em situações delicadas envolvendo um pastor, ajudando a interpretar certas ocorrências ou mesmo sugerindo alguma solução menos traumática, visando à completa restauração das pessoas envolvidas e à preservação dos princípios e normas da Igreja. Depois de tudo, o secretário ministerial é um pastor-conselheiro tanto do pastor como do administrador.

Ministério: *Que desafios específicos o senhor detecta na nova função e quais são suas expectativas frente a eles?*

Pastor Ranieri: Desde que iniciei minhas atividades na Divisão Sul-Americana, tenho me concentrado em dois desafios à minha frente. O primeiro deles é o da adaptação à pluralidade cultural da Igreja na América do Sul. São oito países componentes do nosso território. É imprescindível que tudo o que nós planejamos, produzimos, escrevemos e pregamos seja pertinente, compreensível e útil a todos, quer seja para um pastor da uma igreja no Rio de Janeiro, Buenos Aires, ou de comunidades ribeirinhas da Amazônia ou dos andes bolivianos. O segundo desafio, muito maior que o primeiro, é o de contribuir de alguma forma para o crescimento e aprimoramento do ministério pastoral adventista na América do Sul e, por extensão, dos anciãos e de toda a liderança denominacional. Creio que já estamos nos deparando com as crises dos últimos dias, anunciadas profeticamente, e que a Igreja, como em nenhum outro momento da História, precisa efetivamente experimentar o verdadeiro reavivamento e reforma. O ministério pastoral tem uma parte importante e essencial nesse processo. Por isso, como já disse, me coloco na dependência de Deus, pois os resultados dependem muito mais da atuação do Espírito Santo que do desempenho do ser humano.

“Os resultados do trabalho dependem muito mais da ação do Espírito Santo que do desempenho humano”

Ministério: *Quais são as tarefas que o senhor desempenhará como secretário ministerial associado?*

Pastor Ranieri: Minha tarefa principal consiste em dar apoio e auxílio aos secretários ministeriais das Uniões e, em conjunto com eles, desenvolver as seguintes atividades em favor dos pastores e anciãos: preparar e dirigir seminários de capacitação; produzir e providenciar materiais para o evangelismo; organizar e promover a revista *Ministério* e a *Revista do Ancião*; realizar o Projeto *Preach* (seminários para pastores de outras denominações); acompanhar o programa de Educação Contínua promovido pelas Uniões e pelos Campos, participar de concílios e reuniões de treinamento para pastores e anciãos. Além disso, estou elaborando um projeto de produção de materiais em mídia eletrônica (vídeo, CD e DVD), para ajudar os pastores a lidarem com diversos questionamentos doutrinários e os movimentos dissidentes, com uma abordagem ética, cuidadosa e preventiva.

Ministério: *Como o senhor avalia a qualidade do ministério, diante das exigências do mundo pós-moderno?*

Pastor Ranieri: No cenário das relações humanas, a palavra mais em moda é “qualidade”. Fala-se em qualidade na administração, no comércio, na produção industrial, na prestação de serviços, etc. É inevitável que se fale e se espere qualidade também no trabalho do pastor. As pessoas vão à igreja desejosas e necessitadas de

orientação, motivação espiritual e conforto. Além do mais, cabe também ao pastor motivar e ensinar as pessoas a compartilharem sua fé na comunidade em que vivem. Creio que essa realidade impõe ao ministério pastoral adventista uma responsabilidade gigantesca e deveria ser vista como uma motivação para trabalharmos cada vez mais sob a direção do Espírito Santo.

Ministério: *É inegável que idéias e conceitos pós-modernistas têm influenciado o comportamento de membros da igreja, o que acaba gerando certo conflito. Como o pastor deve gerir tal situação?*

Pastor Ranieri: A mente pós-moderna vê o mundo de uma perspectiva extremamente relativista. A subjetividade é supervalorizada e a autoridade é algo a ser sempre questionado. A Igreja tem de considerar esse cenário ao elaborar suas estratégias de avanço na pregação do evangelho. Isso foi o que Cristo fez. Ele alcançou as pessoas onde elas estavam e lhes ofereceu algo superior. O que não pode acontecer é que, no afã de alcançar as pessoas onde elas estão, rebaixemos as normas. Devemos adaptar a roupagem sem alterar o conteúdo. O evangelho que vivemos e pregamos é o evangelho eterno. Para confrontar essa realidade tão complexa, o pastor precisa estar muito bem preparado. Do ponto de vista profissional, não existe uma atividade que exija tantas qualificações e habilidades como a obra pastoral. O pastor precisa desenvolver características de líder, administrador, conselheiro, orador, entre outras. Por isso, ele precisa estar sempre aprendendo, lendo, pesquisando, estudando.

Ministério: *A seu ver, que modelo de evangelização, seria mais relevante nesta época pós-modernista?*

Pastor Ranieri: O capítulo 4 do Evangelho de João revela uma estratégia que, para mim, é a melhor. Ela pode ser praticada por todos os membros da igreja, sem distinção de classe, cultura ou talentos. A mulher samaritana teve um encontro com Jesus e foi transformada por Sua graça. Em seguida, ela saiu para testemunhar de Cristo no seu universo de relacionamentos. Creio que essa continua sendo a estratégia de evangelização mais efetiva. Cada crente mantendo uma ligação pessoal e autêntica com o Sal-

vador, e compartilhando essa experiência com seus familiares, vizinhos, colegas de trabalho, enfim, com todos com quem mantém contato. Isso é poderoso, contagiante, revolucionário, eficaz. Também creio que a maneira mais eficiente de promover esse estilo de vida entre os membros da igreja é organizá-los em pequenos grupos, para que tenham oportunidade de partilhar suas experiências, orar uns pelos outros, estudar a Bíblia e receber treinamento e material adequados.

Ministério: *O conceito de pastor-treinador é a característica principal do pastor do século 21. Qual é a sua orientação para que ele faça isso sem negligenciar o atendimento a muitas congregações que geralmente possui?*

Pastor Ranieri: Não podemos fechar os olhos para essa realidade. É verdade que o pastor, na maior parte do nosso território, cuida de várias igrejas e isso traz dificuldades, sim. Daí a necessidade ainda maior de ele planejar seu trabalho de tal forma que possa priorizar o atendimento e a formação de líderes. É a famosa lição do sogro de Moisés: liderança compartilhada. Só assim lhe sobrará algum tempo e energia para atender as situações em que sua presença é indispensável. E aproveito para enfatizar o ponto anterior, ou seja, organizar os membros em pequenos grupos. Assim é possível fazer frente a essa situação.

Ministério: *Um novo método de evangelização é a “Caravana do poder”. Que tal a experiência, pioneira no Brasil, do seu ex-Campo? É viável em qualquer lugar?*

Pastor Ranieri: A caravana do poder que realizamos em Rondônia funcionou da seguinte forma: No começo do ano, todos os membros foram envolvidos num programa intensivo de oração intercessória. Cada pessoa escreveu pelo menos cinco nomes no altar de oração, erigido em cada congregação. A partir daí, começaram as vigílias mensais em cada igreja, com testemunhos, estudo da Bíblia e seminários de treinamento. O objetivo era que cada membro fizesse contato com as pessoas cujos nomes foram postos no altar de oração, para oferecer-lhes um curso bíblico e convidar para as programações da igreja. Esse processo durou sete meses. Houve um crescimento significativo de batismos, dízi-

mos e frequência aos cultos. Na última semana do projeto, houve uma celebração de tudo o que aconteceu durante os meses anteriores. Essa celebração foram os congressos de cidade em cidade, acompanhados por uma grande carreata. O orador foi o Pastor Bullón e os temas apresentados foram de reavivamento e colheita. Essa foi a parte festiva do programa. Nas palavras do próprio orador, os congressos em cada cidade foram apenas “o morango em cima do bolo”. Tenho recebido notícias da realização da caravana do poder em vários outros Campos. Em alguns lugares, a ênfase está reduzida a congressos de cidade em cidade. Acho que isso pode ser bom para a igreja, mas não estou seguro de que seja o melhor. Agora, onde o programa motiva a igreja a orar, estudar a Bíblia e levar pessoas a Cristo, os resultados têm sido muito mais concretos e duradouros.

**“A oração
ainda é
o elemento
mais
importante
na vida
do pastor”**

Ministério: *Diante dos apelos tão sutis, e às vezes não tão sutis, à desintegração familiar, nunca é demais reafirmarmos a importância da unidade familiar pastoral. Qual é seu conselho nesse sentido?*

Pastor Ranieri: O primeiro passo no sentido de se manter a unidade da família pastoral é que ambos, esposo e esposa, sejam vocacionados para o ministério. Alguns jovens talentosos se sentem chamados para o pastorado mas, infelizmente, não adotam critérios corretos na escolha da companheira (o mesmo acontece com algumas moças). Mas, mesmo quando ambos têm afinidade e talento ministeriais, correm alguns riscos. Um elemento fundamental para

o bem-estar familiar do pastor é a administração do tempo. O pastor corre o risco de se envolver tanto com as atividades e demandas da igreja, a ponto de não ter tempo para atender devidamente a esposa e os filhos. Outro perigo são as atrações da mídia: programas de televisão, filmes, computador, Internet. O que pode ser bom para a informação, a comunicação, a pesquisa, ou mesmo para a recreação, às vezes se transforma em uma teia envolvente e perniciososa que consome o tempo, a vibração com as coisas espirituais e a utilidade. Aprofundar a vida devocional do pastor e de sua esposa é um dos desafios da Associação Ministerial.

Ministério: *Em que termos o senhor define a importância do ancião de igreja, no contexto atual da missão e do mundo?*

Pastor Ranieri: Depois do pastor, o ancião é o principal líder da igreja local. Suas atribuições envolvem, entre outras, a pregação, a visitação, a supervisão dos departamentos da igreja e a ministração da Santa Ceia. Como se vê, ele atua na área ministerial. A Bíblia prescreve a ordenação com imposição das mãos para o exercício do ancianato. Tudo isso ressalta a importância do ancião perante a igreja local. O Manual da Igreja afirma que o pastor é a autoridade mais elevada, e o ancião local, seu ajudante. Um ancião dedicado e consagrado sabe de sua importância em atender a igreja, sendo um braço forte do pastor. Algumas limitações, contudo, são estabelecidas à sua obra. Entre elas, podemos destacar o fato de não poder oficiar uma cerimônia de casamento, atribuição apenas de um pastor ordenado. Quanto à cerimônia batismal, na ausência de um pastor, o ancião pode ser autorizado pelo presidente do Campo a realizá-la, caso isso seja necessário.

Ministério: *Que mensagem especial gostaria de deixar para os leitores?*

Pastor Ranieri: De tudo o que tenho aprendido no ministério, a melhor lição, e talvez a mais difícil de aprender, é a seguinte: o ministério só será produtivo se o pastor deixar-se guiar pelo Espírito Santo. Por isso, a oração ainda é o elemento mais importante na vida do pastor. Quando o pastor é um homem de oração, a igreja percebe. ☛

MÃES QUE ORAM



Marlene Bittencourt

Coordenadora
da Afam,
na Missão Ocidental
Sul Rio-Grandense

“Uma frase tem marcado minha vida como mãe de dois filhos: ‘Mães de joelhos, filhos em pé’”

Lembro-me de um livro que li, o qual narrava a história de um jovem que, embora fosse criado nos caminhos do Senhor, desviou-se, buscando mitigar a sede existencial nas cisternas rotas deste mundo. Certo dia, sua mãe ficou muito doente e foi internada em um hospital. O rapaz foi visitá-la, e ficou em silêncio ao lado da cama. De repente, olhou para os joelhos da mãe e verificou que eles estavam cheios de marcas. Isso lhe despertou a curiosidade de perguntar: “Mãe, por que seus joelhos estão cheios de cicatrizes?”

Fitando-o, a mãe respondeu: “Isto é por que, enquanto você está nas ruas, madrugadas afora, eu fico orando em seu favor, até que você volte para casa.” A declaração tocou profundamente o coração do jovem. A partir daquele momento, ele se apegou firmemente a Cristo, tornando-se nova criatura.

O EXEMPLO DE ANA

As Escrituras contam a história de uma mulher que se dedicou à oração, porque desejava um filho. Ela fez um voto ao Senhor, dizendo: “Senhor dos exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim Te lembrares, e da tua serva não Te esqueceres, e me deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida, e por sua cabeça não passarà navalha” (I Sam. 1:11). Deus ouviu e atendeu à oração daquela mulher aflita e concedeu-lhe a bênção de ter um filho ao qual chamou Samuel. Ana agradeceu ao Senhor: “Por esse menino orava eu, e o Senhor me concedeu a petição que lhe fizera” (I Sam. 1:27).

Ao buscar o Senhor em oração, Ana demonstrou humildade e fé. A Palavra de Deus aconselha: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que Ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós” (I Ped.

5:6 e 7). Ela também foi fiel a Deus. Cumpriu o voto, dedicando o filho ao Senhor. Quando Samuel cresceu, ela foi ao templo e o entregou ao sacerdote Eli. Samuel, porém, jamais esqueceu os conselhos e oração de sua mãe.

A exemplo de Ana, devemos entregar nossa vida e a de nossos filhos a Deus. Devemos buscar sabedoria para educá-los no caminho do Senhor. O mundo está cheio de armadilhas. Satanás ruge como leão, procurando desestruturar a família e desviar nossos filhos através das más companhias, dos vícios, lascívia e muitas outras seduções.

AUXÍLIO DIVINO GARANTIDO

“Que a mulher compreenda a santidade de sua obra e, na força e temor de Deus, assuma a missão de sua vida. Eduque seus filhos a fim de que sejam úteis neste mundo e estejam aptos para o mundo melhor.” – *O Lar Adventista*, pág. 263. “Depois de Deus, o poder da mãe para o bem é a maior força conhecida na Terra. ... É impossível calcular o poder da influência de uma mãe que ora.” – *Ibidem*, págs. 240 e 266.

“As orações das mães cristãs não são desatendidas pelo Pai de todos. Ele não rejeitará as suas petições, para abandoná-las e aos seus queridos. Compete a elas agir com simplicidade e amor. Deus confirmará sobre elas a obra de suas mãos.” – *RH*, 23/04/1889.

Apeguemo-nos firmemente a Deus. Ele é nossa única esperança de salvação. Sejamos fiéis a Deus, dando bom exemplo para nossos filhos, inspirando-os a uma vida de oração e estudo da Sua Palavra. “A semente lançada com lágrimas e oração poderá parecer haver sido em vão, mas ao fim, a colheita será feita com alegria, seus filhos serão remidos.” – *Signs of the Times*, 01/07/1886.

Que, ao vir Jesus, possamos estar em pé diante dEle, dizendo com alegria: “Eis-me aqui, e os filhos que me deu o Senhor” (Isa. 8:18). ◻

MEU PASTOR IDEAL



Margie Littell Ulrich

Médica
otorrinolaringologista,
reside em Dayton,
Estados Unidos

**Nossa
lista de
qualificações
pastorais
nem sempre
está de
acordo com
a de Deus**

Não sou pastor, obviamente, e nunca serei. Nem mesmo compreendo como um pastor pode trabalhar tendo tantos “chefes” na congregação, cada um com uma idéia de como ele deveria pastorear. Provavelmente, sua ocupação deve ser, ao mesmo tempo, a mais intrigante e inspiradora, expressiva e estressante do mundo. Não há dúvida de que ele merece ser tratado com respeito.

Os melhores exemplos do que é ser pastor são Moisés e Cristo. Ambos tinham congregações contenciosas, serviam como mediadores entre o povo e Deus, e sabiam como obter ajuda de Deus para o trabalho. Os dois tiveram sinais espetaculares do chamado divino: Moisés, uma sarça ardente; Jesus, uma pomba descendo do Céu.

Portanto, antes que os pastores se tornem pastores, Deus lhes fala e os escolhe. “E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus; não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus, o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança...” (II Cor. 3:4-6).

QUALIFICAÇÕES

Na Bíblia, descobri que minha lista de qualificações pastorais nem sempre está de acordo com as especificações divinas para o pastorado. Por exemplo, já pensei que um bom pastor deveria ser um brilhante orador. Na verdade, Moisés descobriu o contrário: “Então, disse Moisés ao Senhor: Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a Teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua” (Êxo. 4:10). E Deus disse: “Vai, pois, agora, e Eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que hás de falar” (v. 12). Mesmo nos relatos sobre a vida de Jesus aparecem poucas ocasiões em que Ele pregou ao povo.

Certa vez, meu irmão me falou, depois de ouvir nosso pastor: “Quando ele fala a verda-

de sobre Deus, é como se um raio de luz atinxisse meu coração.” Para transmitir-nos tal poder diretamente da Fonte, o pastor tem de estar ligado a ela. Jesus o disse muito bem: “Porque Eu não tenho falado por Mim mesmo, mas o Pai, que Me enviou, esse Me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o Seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que Eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo” (João 12:49 e 50).

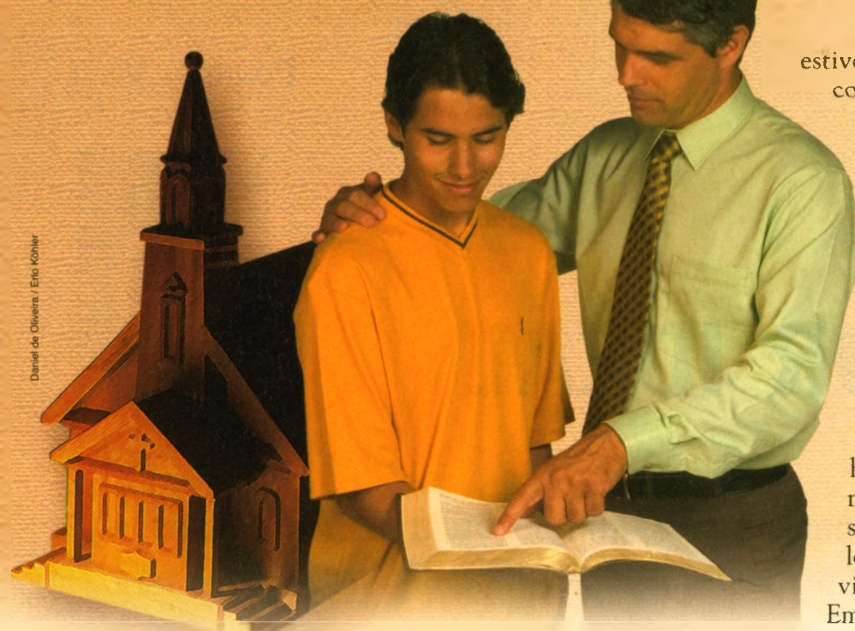
Moisés e Cristo intermediavam entre Deus e o povo. Quando os israelitas se queixavam, Moisés buscava orientação em Deus. Quando Deus se queixava do comportamento dos israelitas, Moisés intercedia por eles. “Veio Moisés, chamou os anciãos do povo e expôs diante deles todas estas palavras que o Senhor lhe havia ordenado. Então, o povo respondeu à uma: Tudo o que o Senhor falou faremos. E Moisés relatou ao Senhor as palavras do povo” (Êxo. 19:7).

Pastorear é um trabalho magnífico, uma constante mediação entre Deus e o povo. Os israelitas notavam quando Moisés tinha estado com Deus: a face do líder tornava-se tão radiante que ele precisava usar um véu. Quando Jesus levou Pedro, Tiago e João ao monte da transfiguração, “Seu rosto resplandecia como o Sol” (Mat. 17:2). Quanto a nós, estamos buscando ver, na face do pastor, um brilho que denuncie o fato de que ele tem estado com o Senhor.

No sorriso do pastor, queremos ver o sorriso de Deus; o reflexo da Sua glória. Isso não significa que ele tenha de ser perfeito; mas que tenha um relacionamento habitual, vibrante com Deus. Como Moisés: “Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo” (Êxo. 33:11).

DELEGANDO AUTORIDADE

Posso compreender como o estresse do trabalho pastoral pode nublar o brilho de Deus. Estou certa de que, muitas vezes, Moisés desejou ter



deixado aquele povo no Egito. E, com dificuldades para liderá-lo, recebeu o seguinte conselho do seu sogro:

“Não é bom o que fazes. Sem dúvida, desfalecerás, assim tu, como este povo que está contigo; pois isto é pesado demais para ti, tu só não o podes fazer. Ouve, pois, as minhas palavras; eu te aconselharei, e Deus seja contigo: Representa o povo perante Deus, leva as suas causas a Deus; ensina-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer. Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez, para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a ti, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo. Se isto fizeres, e assim Deus to mandar, poderás então suportar; e assim também todo este povo tornará em paz ao seu lugar” (Êxo. 18:17-23).

Jesus também distribuiu responsabilidades entre Seus discípulos. E o bom pastor faz o mesmo com o povo. Ele delega responsabilidades e confia que o povo realizará o trabalho. O melhor presente que um pastor pode dar aos membros é confiar que eles executarão com êxito as tarefas que recebem. Mesmo reconhecendo nossas limitações, nos queixamos e reclamamos quando somos desencorajados.

PICADAS DE SERPENTES

Os israelitas estavam cansados, famintos, sedentos e desanimados, peregrinando no deserto, impotentes para mudar a situação. Falaram contra Deus e Moisés. Feridos por serpentes, muitos morreram. O que deveria Moisés fazer? Matar as serpentes, curar suas picadas ou levar o povo para longe delas? A resposta, em Números 21:7-9, merece atenção. Primeiro, “Moisés orou pelo povo”. Que pensamento confortador! Se eu fosse Moisés, talvez tivesse voltado para minha tenda. Afinal, o povo tinha falado contra ele e Deus. Mas, apesar disso, Moisés orou em seu favor.

Nessa delicada manobra, o pastor deve sintetizar em si o poder, o amor e aceitação de Deus, para nos guiar ao objetivo de nos tornarmos as pessoas que devemos ser. Quando o pastor nos vê rebelando-nos contra Deus, é como se

estivéssemos sendo picados por serpentes. Nosso comportamento pecaminoso, egoísta, nos levará à morte eterna tão certo como as picadas de serpentes mataram os israelitas.

Porém, não é trabalho do pastor matar as serpentes ou tratar suas picadas. A maioria de nós sabe o que é certo e errado. Temos sensibilidade para saber quando desapontamos a Deus. No trato das feridas causadas ao povo, Deus ordenou que Moisés fizesse uma serpente de bronze e a pusesse em uma haste. Todo ferido que a olhasse seria curado. Assim, tudo o que Moisés tinha de fazer para ajudar o povo era levá-lo a olhar a serpente levantada na haste. Jesus Se referiu a essa experiência: “E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nEle crê tenha a vida eterna” (João 3:14 e 15).

Em lugar de ser levados a olhar as serpentes e suas feridas mortais, necessitamos que o pastor nos ligue ao poder transformador de Jesus; necessitamos que ele nos leve à cruz. Em outras palavras, quando somos confrontados com nossos erros, o trabalho do pastor não é apenas insistir para que mudemos nossos caminhos, mas levar-nos a Jesus, que nos transforma. Com uma das mãos, ele deve agarrar-se à mão ferida de Jesus; e, com a outra, tomar a nossa mão. É assim que ele se torna o conduto pelo qual flui o poder transformador de Cristo. Que responsabilidade tremenda!

AS REGRAS

Grande parte do trabalho de Moisés consistia de fazer regras. “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (João 1:17). Deus deu a Moisés um grupo de pessoas a quem, por muitas gerações, fora dito o que pensar e falar. Suas habilidades para governarem-se eram limitadas. Portanto, necessitavam de regras para sobreviver no deserto. Moisés teve de ensinar até onde deveriam construir latrinas, a fim de prevenir doenças. Dependiam completamente de Moisés para pedir a Deus alimento, água, proteção e direção.

Deus criou regras para nos manter vivos e seguros. Elas nos revelam um Deus infinitamente amoroso, de quem devemos depender. A lei nos ensina que necessitamos de um Salvador, a fim de cumprirmos os altos padrões de Deus. Infelizmente, alguns acham mais fácil cultural a lei em lugar do seu autor. Moisés precisava assegurar-se de que o povo entendia que Deus estava acima das regras de comportamento. Jesus teve a mesma preocupação, ao dizer: “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida: ninguém vem ao Pai senão por Mim” (João 14:6 e 7).

Ao invés de tentar simplesmente convencer-nos das verdades doutrinárias, o pastor deve levar-nos a olhar o amoroso autor de nossas crenças e Seu caráter. Então, quando enfrentarmos provas e tentações, permaneceremos firmes olhando a Jesus, praticando Seus ensinamentos.

Admiro os pastores. Em lugar de crítica, e julgamento, eles necessitam de orações e apoio. Vamos segurar suas mãos, a fim de que eles nos conduzam a Deus. Devemos respeitar o homem que fala a Deus em nosso favor, que reacende nossa chama quando o entusiasmo parece apagar-se, e que nos leva a olhar para a cruz. ❁

GERENTE VERSUS LÍDER



Stanley E. Patterson

Secretário ministerial
associado na Associação
Geórgia-Cumberland,
Estados Unidos

**Há significativas
diferenças
entre liderança
espiritual e
administração
secular**

A busca de líderes espirituais efetivos remonta aos primeiros relatos da história do povo de Deus. Na verdade, o esforço nesse sentido ainda continua nos dias de hoje; agora, em um mundo dominado por organizações governadas por complexas estruturas de gerenciamento. Tais estruturas são freqüentemente impostas sobre a igreja por pessoas bem-intencionadas. Essa imposição induz a uma reaplicação, para a igreja, do incômodo desafio apresentado por John Kotter, professor da Universidade Harvard, segundo o qual as instituições seculares, em sua maior parte, são “supergerenciadas e sublidadas”.¹

Como podemos saber quando a igreja está sendo liderada, em contraste a ser gerenciada? Qual é a diferença existente entre as duas coisas? E, entre as duas atitudes, qual deve ser adotada pelo pastor verdadeiramente guiado pelo Espírito?

DIFERENÇAS BÁSICAS

A diferença fundamental entre liderança e gerenciamento, mesmo no ambiente secular, reside na qualidade dos relacionamentos em uma determinada organização. Gerenciamento implica o exercício de controle para conquistar obediência. Liderança está fundamentada sobre relacionamentos interdependentes que geram compromisso sincero. As duas coisas têm objetivo e foco semelhantes, mas se dirigem ao destino final através de caminhos diferentes. Para liderar, especialmente no âmbito espiritual, o pastor deve evitar depender das estruturas de controle que estão disponíveis e são usuais na maior parte do cenário gerencial.

O conceito bíblico de mordomia é muito equivalente ao gerenciamento. Mordomia e gerenciamento envolvem responsabilidade conferida, e autoridade para controlar recursos humanos e materiais. Dessa forma, o mordomo é beneficiado com estruturas de gerenciamento apropriadas que lhe permitem o necessário controle sobre aquilo pelo que ele é responsável.

Eliezer, mordomo de Abraão, tinha a responsabilidade de gerenciar os negócios domésticos do seu senhor, e foi incumbido de tomar pesadas decisões, entre as quais foi incluída a busca de uma noiva para Isaque (Gênesis 24). Sua autoridade gerencial era limitada apenas por Abraão e as fronteiras que cercavam a casa do seu patrão.

Semelhantemente, no Novo Testamento também encontramos a figura do mordomo, ou *oikonemos* (Luc. 16:2 e 3; I Cor. 4:1 e 2; Tito 1:7; I Ped. 4:10), como sendo um gerente (*nemo*) da casa (*oikos*). Isto é, alguém que cuida ou gerencia a casa do seu patrão. “A palavra é usada para descrever a função de responsabilidade delegada, como nas parábolas do trabalhador e do servo infiel.”² O conceito de gerenciamento assume um relacionamento transacional que permite aos que são gerenciados permutar seu tempo e habilidades por recompensa financeira ou de outro tipo. Gerentes são investidos de autoridade coercitiva, direcionada a conduzir eficientemente as operações da instituição. Esse relacionamento de troca é contratual, em sua natureza, e geralmente é limitado por prescrição de horas e descrição de trabalho formal.

Russ Moxley observa, em seu livro *Leadership and Spirit* [Liderança e Espírito], que tal relacionamento, governado por leis e regulamentos, busca conformidade e pode, ou não, envolver o compromisso daqueles que são gerenciados.³ A liderança pode, ou não, acontecer no contexto de um ambiente gerenciado; ou pode ocorrer muito facilmente no contexto de livre associação. Liderança não depende de estruturas coercitivas, e somente é vista dessa forma por causa do modo como o gerenciamento é conhecido.

O modelo relacional de liderança (distinto do modelo coercitivo) envolve pessoas livremente associadas em um esforço comum. Além disso, tal relacionamento não é transacional, ou seja, nesse processo, não existe o elemento “dar para receber”. Ao contrário, existe uma ação comprometida e firme do grupo ou comunidade, para promover o incentivo ao envolvimento. Assim sendo, um administrador que faz a opção de liderar, em lugar de gerenciar, deve colocar-se acima das estruturas organizacionais que forcem a conformidade. Ele deve, ao contrário disso, estabelecer relacionamentos pessoais fundamentados no respeito, confiança e capacitação.

LIMITES DO PASTOR

O que dizer a respeito do pastor? Foi ele chamado, ou estabelecido, como líder ou gerente? Há estruturas de controle disponíveis que lhe permitem gerenciar? Está o pastor investido com autoridade pessoal destinada a lhe conferir um comportamento gerencial direcionado a produzir conformidade a uma série de regras, regulamentos e padrões? Porventura, as pessoas que ele tenciona motivar estão ligadas a qualquer contrato transacional que permite controle sobre o comportamento delas? Não. O membro da igreja se une a ela por livre escolha. Não há relacionamento gerencial aqui. A exceção é o pastor que foi designado para administrar pessoal em uma igreja com empregados. Porém, mesmo nesse caso, o gerenciamento não vai além desse grupo.

O pastor não tem poder pessoal sobre os membros. Ele pode escolher estender sua influência em favor de um determinado fim ou objetivo, mas o corpo eclesial é que tem realmente o poder de decisão; e, conseqüentemente, tem autoridade. Em suas



tentativas para influenciar a congregação, o pastor deve respeitar as pessoas. Ele não é um gerente; não possui mandado para conduzir ninguém sob seu controle.

Evidentemente, o pastor é parte de um processo de liderança, mas seu êxito como líder depende da construção de relacionamentos saudáveis. Ignorar essa realidade e assumir controle sem a necessária autoridade resultará em frustração e desvirtuamento do processo. A manutenção de relacionamentos é fundamental para a boa liderança pastoral. Ela não pode crescer em um contexto de coerção.

O desejo alimentado por alguns clérigos profissionais de administrar através de poder pessoal tem contribuído negativamente para a história da Igreja. Posições doutrinárias tais como o purgatório e o fogo eterno do inferno deram aos clérigos medievais grande poder sobre um grupo que, de modo geral, era ignorante. Esses e outros ensinamentos similares, baseados no temor, serviram para construir as estruturas coercitivas desejadas por uma Igreja fundamentada no gerenciamento. A história da Igreja ilustra a tendência para implantar métodos de administração eclesial baseados no controle, o tipo que marginaliza o indivíduo, a pessoa, que é um bloco vital na construção da igreja viva mencionada por Pedro.

MODELO ESPIRITUAL

A liderança no contexto de uma igreja baseada no Espírito difere do modelo corporativo. Para que seja mantida a diferença entre os dois aspectos, é necessário o exercício de cuidado intencional pelo ser humano. O modelo corporativo, mesmo o tipo mais amoroso e cuidadoso, permanece embebido no ambiente de controle. A igreja, que, nesse caso, não deve ser confundida com a estrutura institucional da denominação, opera fora dos parâmetros da estrutura corporativa. Foi nascida do Espírito Santo e existe em grande parte como um meio de influenciar o espírito humano.

Jesus chama Seus seguidores para um relacionamento de transformação que demanda o abandono de muitas coisas. O processo de transformar os discípulos foi caracterizado pela simples disposição deles para seguir o Mestre e aprender. Jesus nutriu seu espírito humano através de um relacionamento íntimo. Eles O seguiram espontaneamente, experimentaram a transformação e, então, foram capacitados pelo Espírito Santo a liderar no contexto de um corpo igualmente chamado e capacitado. Cristo liderou, não gerenciou, Seus discípulos.

E fez mais: ensinou os discípulos a serem líderes, em vez de gerentes. A disposição de Pedro para lançar mão da espada (Mat. 26:51), o relato de João sobre a proibição que ele e os

outros discípulos impuseram ao homem que expulsava demônios em nome de Jesus (Mar. 9:38) e a atitude de impedirem que as crianças se aproximassem do Mestre (Luc. 18:16) são fatos que sugerem controle coercitivo como algo natural entre os discípulos. Mas, em cada um desses exemplos, Cristo apontou um curso diferente. Era preciso ter o coração transformado, a fim de que abandonassem a mentalidade reguladora e adotassem um modelo de liderança baseada na comunidade.

Liderança espiritual tem uma profunda dependência de quem é o líder, em oposição ao que ele faz. A palavra-chave é “caráter”. Embora a relação de gerenciamento às vezes possa tratar o caráter como item secundário, contanto que a conformidade e a produtividade sejam conseguidas, a liderança espiritual não pode acontecer sem um caráter semelhante ao de Cristo. Na ausência de caráter transformado, o comportamento administrativo se resume a dar ordens e controlar. Isso pode até funcionar em uma instituição secular, mas não na igreja.

O Espírito Santo provê cada membro do corpo com o que é necessário a fim de participar no processo de liderança eclesial. Embora nosso modelo comum de liderança enfatize uma pessoa, ou no máximo leve algumas pessoas em conta, o modelo espiritual destaca a liderança como função de uma comunidade cheia do Espírito, com cada membro transformado e capacitado para contribuir com o processo.

A função do líder (administrador, departamental, pastor, etc.) é uma parte importante no processo de liderança, mas é apenas uma parte do grande todo. O modelo de gerenciamento está tão enraizado em nossos conceitos de liderança, que é difícil separar em nossa mente o legislador ou líder individual e aceitar o incrível conceito de liderança inclusiva do Novo Testamento.

Em geral, a liderança requer a fusão de dois elementos básicos: 1) relacionamento de compromisso com uma ou mais pessoas e 2) competências necessárias para o cumprimento da missão. A liderança espiritual é marcada pelo seguinte: 1) relacionamento de compromisso governado pelo fruto do Espírito e 2) competências partilhadas pelo Espírito Santo a fim de equipar a igreja para o serviço efetivo.

FRUTO DO ESPÍRITO

A transformação espiritual do caráter cristão é evidenciada pelo fruto do Espírito: “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gál. 5:22 e 23). Essas qualidades de caráter, ou comportamentais, são combinadas com as competências ou dons escolhidos e distribuídos pelo Espírito, os quais provêm os meios pelos quais a pessoa transformada contribui para a missão da Igreja e o funcionamento total e harmonioso do corpo.

O fruto do Espírito torna-se um padrão pelo qual todo comportamento da liderança cristã é medido. Líderes espirituais, cuja vocação está sendo praticada em um contexto de gerenciamento, são advertidos pela Palavra de Deus a administrar de modo consistente com as virtudes do Espírito, mesmo quando têm de tratar questões disciplinares. Nunca existirá uma situação que permita ao líder espiritual desconsiderar a expectativa de servir conforme os padrões comportamentais descritos como “fruto do Espírito”.

Da mesma forma como acontece com os dons espirituais, que são distribuídos entre os membros do corpo de Cristo, tendo em vista a capacitação de todos os crentes, o fruto do Espírito em sua plenitude é o padrão para todo aquele que participa no processo de liderança. A saúde relacional do corpo é mantida através da consistente demonstração dessas qualidades.

Todos os frutos são relacionais em sua natureza e brotam de um coração transformado. Esse princípio já foi codificado por Jesus Cristo: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mat. 22:37-39).

Comportamento amoroso, como demonstrado através do fruto do Espírito, não é uma opção para o líder espiritual; é *uma expectativa*. Nenhuma circunstância justifica que as atitudes identificadas no fruto do Espírito sejam descartadas, nem mesmo temporariamente. Repito, um comportamento amoroso, mesmo sob as circunstâncias mais adversas, identifica o caráter transformado do líder cristão.

LÍDERES-SERVOS

O pastor é chamado para a liderança espiritual na mesma base com

que são chamados os membros: 1) um caráter transformado, que demonstra o fruto do Espírito e 2) dons específicos de liderança que lhe permitem dar uma contribuição efetiva ao crescimento e sucesso da igreja. Os dois aspectos têm sua fonte na obra graciosa do Espírito Santo. Em virtude de que o “eu” é descartado no processo de transformação, o foco do pastor está centralizado nos outros, ao invés de em si mesmo. O caráter do seu ministério na igreja espelha o modelo de Cristo em Seu relacionamento com os discípulos.

Como padrão de liderança espiritual, Jesus demonstrou uma vida que nutriu e moldou Seus seguidores em uma comunidade de líderes espirituais. Seu serviço nunca foi dirigido a Si mesmo. Em lugar disso, Ele demonstrava compassivo amor por todas as pessoas sob Seus cuidados. Não é sem razão que Jesus chama pastores, hoje, a desempenhar o mesmo papel de líderes-servos. O pastor disponibiliza os dois aspectos da liderança espiritual aos membros de sua congregação, ajudando-os no processo de transformação de caráter que, por sua vez, leva a claras demonstrações do fruto do Espírito e à implementação dos dons conferidos por Ele a cada crente. Através do seu ministério, o pastor encoraja a contínua transformação e preparação da igreja no processo inclusivo de liderança espiritual comum.

Em suma, liderança espiritual é algo que diz respeito à participação em um processo de mudança, com os que foram chamados para o serviço do Mestre. Contribui para esse processo de um modo que atrai as pessoas à comunidade de fé e lhes assiste em sua assimilação pelo corpo simbólico de Cristo. Capacita outros crentes a tomarem o manto da liderança espiritual e unirem-se no processo de construção do reino de Deus. Sim, liderança espiritual faz de uma pessoa um “paraclete” agindo em parceria com o Espírito, que está construindo uma comunidade global de líderes espirituais, não apenas gerentes. ☺

Referências:

- 1 J. Thomas Wren, *The Leader's Companion* (Nova York: The Free Press, 1990), pág. 114.
- 2 D. R. Wood e I. H. Marshall, *New Bible Dictionary*, 3ª ed. (Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 1996).
- 3 Russ S. Moxley, *Leadership and Spirit* (San Francisco: Jossay-Bass, 2000), págs. 51, 58 e 100.

A LEI DE KNIGHT



George R. Knight

Professor de História da Igreja na Universidade Andrews, Estados Unidos

Líderes que não sabem para onde vão estão perdidos, confundindo movimento com progresso

O mundo é cheio de leis físicas e sociais. Durante algum tempo colecionei algumas delas. Há, por exemplo, a lei de Schmidt: “Se você mistura bastante alguma coisa, ela se dissolverá.” A lei de Weiler: “Nenhuma coisa é impossível para o homem que não tem de fazê-la por si mesmo.” Ou a de Jones: “A pessoa que pode sorrir quando erra em alguma coisa, pensou em alguém a quem culpar por seu erro.” Bastante conhecida é também a lei de Murphy: “Se uma coisa pode dar errado, dará. E mais, dará errado da pior maneira, no pior momento e de modo que cause o maior dano possível.”

Diante disso, resolvi tentar desenvolver algum pensamento crítico e sagacidade particular. O resultado foi a “lei de Knight”, com dois corolários para líderes. Em termos simples, essa lei diz o seguinte: “É impossível chegar ao seu destino, a menos que você saiba para onde está indo.” Primeiro corolário: Os líderes que não sabem para onde vão estão perdidos. Segundo: Líderes que estão perdidos, freqüentemente confundem movimento com progresso.

Começamos a discussão com o segundo corolário. Para quem está integrado ao sistema adventista por muitos anos, é muito fácil confundir movimento com progresso, e é mais fácil ainda confundir estatísticas com êxito. Devo admitir que as estatísticas são impressionantes e até inspiradoras. De aproximadamente um milhão de membros quando fui batizado, em 1961, a Igreja possui hoje cerca de 15 milhões. Há também uma vasta rede educacional, instituições de saúde, casas publicadoras, emissoras de rádio e televisão, além da penetração do evangelho em mais de 200 países do mundo.

AINDA NA TERRA

Sim, as estatísticas são impressionantes, mas precisamos lembrar que elas não são um fim em si mesmas. Talvez seu verdadeiro significado resida não tanto no que a Igreja tem feito, mas no que elas nos dizem que ainda precisamos fazer. Ademais, quando comparados com os mais de seis bilhões de habitantes do mundo, os quase 15 milhões de adventistas não parecem ser muitos. Se são 15, 30 ou 100 milhões, esses números podem significar falha, não sucesso. O problema que é a base para todos os outros problemas e desafios do adventismo é que a Igreja ainda está na Terra e não no Céu. Nunca deveríamos confundir o entusiasmo pelo crescimento de uma Igreja na Terra com o alvo real de chegar ao reino celestial.

Assim, embora as estatísticas tenham seu propósito e seu lugar, elas não mostram o que a Igreja deve ser. Representam meios para um fim, mas não devem ser consideradas o fim em si mesmas. Novamente, é bom lembrar que o movimento não é, necessariamente, progresso. Em nossas atividades diárias, necessitamos ter em mente esse pensamento. Um dos pecados mortais da administração é igualar a genuíno progresso o preenchimento de relatórios, elaboração de projetos, planejamento de campanhas e levantamento de fundos. A má notícia é que podemos estar gerando apenas movimento.

Como um garoto cavalgando seu cavaleiro de madeira, podemos estar muito ativos, fazendo muito movimento, mas sem avançar para o nosso alvo principal. Não devemos perder a visão e os alvos que nos fazem adventistas do sétimo dia. Agindo assim, ficaremos perdidos, embora altissonante e entusiasticamente proclamemos que temos a verdadeira resposta para as indagações humanas. Aqueles que têm caído na armadilha desse segundo corolário representam um exemplo clássico do cego guiando outro cego.

LÍDERES PERDIDOS

Isso nos leva ao primeiro corolário: “Líderes que não sabem para onde vão estão perdidos”; o que não significa perdição espiritual. É um caso de perdição ocupacional, de visão e missão.

Uma das maiores necessidades adventistas em todas as partes é uma revisão do futuro. Embora possamos estar satisfeitos com a maneira pela qual as coisas foram feitas no passado, necessitamos despertar para o fato de que modos familiares e tradicionais de fazer as coisas não são os únicos métodos de fazê-las, e, provavelmente, não sejam as melhores formas. Necessitamos rever caminhos mais efetivos de usar a mídia, vender literatura, administrar instituições educacionais e estruturar a Igreja para sua missão. E “mais efetivos” não significa algo como sobreviver, ou sobreviver com mais estilo e fundos. Isso pode ser satisfatório para empresas seculares, mas é inadequado para o planejamento adventista do sétimo dia.

Necessitamos focalizar sobre o fato de que nosso alvo não é administrar uma boa empresa na Terra, mas avançar a missão de tal modo que apresse o estabelecimento do reino de Deus. Líderes adventistas devem sair da mentalidade de empresários de êxito para a de revolucionários radicais com a missão de mudar a ordem mundial.

Se nossa visão de sucesso se restringe à perspectiva das avaliações terrestres comuns, permaneceremos neste planeta ainda por muito tempo. A Igreja pode estar no mundo, mas sua visão não deve ser a deste mundo. A única forma de sair do reino da perdição ocupacional é trocar a medida prevalemente de sucesso pela visão verdadeiramente radical de Cristo que pode transformar todos os símbolos mundanos de sucesso em um monte de lixo.

Na suzerida revisão do futuro, ne-

cessitamos parar de pensar matematicamente e começar a pensar geometricamente. Muitos de nós superestimamos os gráficos do crescimento da Igreja, como se eles nos levassem para cima. Se pensarmos e planejarmos conforme essas linhas, apenas ficaremos na Terra por muito tempo; talvez, pela eternidade. Se estou lendo corretamente a Bíblia, a Igreja, em algum ponto no tempo, experimentará um crescimento de tal magnitude que as estruturas terrestres serão incapazes de detê-la. É esse tipo de crescimento exponencial parte de nossa visão de futuro?

Além disso, é interessante registrar que mudanças radicais, massivas, não precisam levar muito tempo para acontecer. Em outubro de 1989, fui à então Alemanha Oriental a convite do governo daquele país. Quando a viagem foi planejada, nunca imaginamos que eu poderia viajar em meio da revolução que em poucas semanas derrubaria o sistema soviético. Toda estrutura caiu em uma noite; algo inimaginável para a maioria das pessoas. Como cristãos adventistas, esperamos ver uma mudança social e política tão grande que a queda do bloco soviético será significativa em comparação a ela.

Porém, uma mudança tão fantástica não aconteceu por si mesma. Houve a atuação de pessoas que imaginaram um mundo diferente e correram riscos para fazê-lo acontecer. Os líderes adventistas necessitam pensar grande, se é que desejam ter parte nos grandes eventos de Deus, em lugar de correrem apenas na rotina do dia-a-dia. É desnecessário dizer, mas tais líderes espirituais devem estar dispostos a correr riscos e a sacrificar-se para concretizar a visão maior. Formas costumeiras de trabalhar e liderar já não mais funcionam. A Igreja necessita de líderes que possam imaginar algo melhor do que as realizações do passado e as do presente.

DE OLHO NO ALVO

Esse pensamento nos leva de volta à própria lei de Knight: “É impossível chegar ao seu destino, a menos que você saiba para onde está indo.” Eu não iria ao extremo de dizer que alguns líderes adventistas estão confusos quanto ao propósito, mas alguns parecem um tanto atrapalhados quanto à forma de operar. Tenho experimentado a companhia de líderes e pastores distritais, em seminários e cursos de

extensão realizados ao redor do mundo. Alguns deles têm relatado certos fatos que comprometem a qualidade da liderança cristã.

Já ouvi dizer, por exemplo, de pastores que não podem frequentar cursos ou sair de férias, a menos que alcancem os alvos batismais. Foi então que alguns foram flagrados inventando fichas batismais com nomes copiados de sepulturas. Ouvindo tais histórias, me perguntei: Será que alguns de nós não estamos um pouco mais que confundidos no que tange a alcançar os alvos genuínos da Igreja? Sabemos realmente, como líderes, para onde estamos indo? Ou estamos simplesmente “brincando de igreja”?

Nosso alvo não é administrar uma boa empresa na Terra, mas apressar o estabelecimento do reino de Deus

Quero ser muito claro e explícito neste ponto. A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem apenas um alvo final e genuíno: a vinda de Cristo nas nuvens do céu. Esse alvo está além das conquistas humanas. Mas, em preparação para o segundo advento de Jesus, Deus nos deu uma mensagem para ser proclamada ao mundo todo. “Vi outro anjo voando pelo meio do céu”, lemos no Apocalipse, “tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua e povo, dizendo em grande voz: Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, a Terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:6 e 7).

Essa mensagem do primeiro anjo é seguida por uma segunda que trata da queda de Babilônia (v. 8) e uma terceira elogiando os que pacientemente esperam a vinda do Senhor e que, enquanto esperam, guardam os mandamentos de Deus e mantêm a fé de Jesus” (v. 12). Imediatamente após a proclamação dessas mensa-



mas que essa mensagem é caracterizada por seu equilíbrio. Com isso em mente, é importante notar que a proclamação fiel de uma mensagem equilibrada requer líderes equilibrados. O inimigo faz tudo para desestabilizar a liderança da Igreja, levando alguns pregadores a pintarem doutrinas com tons legalistas, negligenciando as grandes verdades do evangelho.

Ou, faz com que outros enfatizem assuntos evangélicos com tal extremismo que negligenciam doutrinas como o santuário celestial, o sábado, e outras distintivamente adventistas. Há também líderes que, movidos pelo inimigo, provocam facções que vivem se confrontando.

Se a estratégia de Satanás é desequilibrar, a de Deus é equilibrar. O Senhor busca uma liderança que mantenha claramente o segundo advento como alvo genuíno da Igreja, bem como sua missão de pregar a mensagem dos três anjos ao mundo todo. Tal liderança deve ter em mente que a mensagem deve ser pregada com equilíbrio, enfatizando as grandes verdades evangélicas e aquelas que tornam distinto o adventismo, no contexto do cenário bíblico do tempo do fim.

Isso nos leva ao fechamento do círculo no coração da lei de Knight: “É impossível chegar ao seu destino, a menos que você saiba para onde está indo.” Deus nos revelou o alvo e a mensagem da Igreja, em Apocalipse 14. Pode até parecer arrogante para uma Igreja pequena dizer-se possuidora da mensagem de Deus para o mundo nos últimos dias. Contudo, nenhum outro corpo religioso foi incumbido dessa missão profética. E também pode ser que um pouco de “arrogância santificada” deva ser parte e parcela daquela liderança exercida pelos líderes que se dizem seguidores dAquele que Se declarou a Luz, o Caminho e a Verdade, e que os envia a levar Seu evangelho aos confins da Terra.

Com o passar do tempo, muita coisa muda no mundo e na Igreja. Porém, uma não mudou: a liderança deve compreender e estar comprometida com seu destino, se é que espera alcançá-lo. ❁

gens, ocorrerá a segunda vinda, retratada nos versos 14-20.

Um razão pela qual me tornei adventista foi nossa compreensão dos ensinamentos de Apocalipse 14. O adventismo nunca se viu como mais uma denominação, mas como a reunião de um povo profético com uma mensagem especial a ser pregada para todo o mundo antes da segunda vinda de Cristo. É essa convicção que tem literalmente dirigido a Igreja Adventista aos mais longínquos rincões da Terra. Essa visão, com seu imperativo à missão mundial, tem levado gerações de jovens a dar a vida em favor da missão e tem levado membros mais velhos a sacrifícios financeiros para apoiá-los.

É a visão de uma missão escatológica para todo o mundo que tem feito do adventismo um movimento vibrante. Quando a denominação e seus líderes perdem essa visão e começam a vê-la como apenas mais uma igreja, o adventismo perde sua razão de ser. De fato, ele ainda poderia ser diferente por causa da guarda do sábado e algumas outras peculiaridades. Mas, para todos os propósitos, teria perdido sua razão bíblica para existência, independentemente de quantos milhões de conversos possam ser conquistados.

A liderança adventista deve conservar na vanguarda de seu pensamento coletivo o seu destino e a tarefa que Deus lhe confiou, segundo Apocalipse 14. O segundo advento é o alvo final, e a missão mundial é o alvo imediato que Deus lhe deu. Qualquer coisa que não contribua efetivamente para o cumprimento da missão final é descartável.

Como Igreja, temos sido ótimos em adicionar coisas ao sistema denominacional, mas temos falhado no trabalho de podar aqueles aspectos do sistema que são menos que maximamente efetivos. Os alvos último e imediato devem ser a medida de tudo o que fazemos.

É agradável dizer que a missão mundial é o alvo imediato do adventismo, porém, mesmo essa missão deve ser, por sua própria natureza, uma missão sobre alguma coisa e alguém em particular. “A todo o mundo” é a visão missionária exata do adventismo. E o conteúdo de sua mensagem está especificamente apresentada em Apocalipse 14, especialmente o verso 12. Nesse verso, encontramos os três aspectos essenciais da missão adventista:

1. O segundo advento.
2. A importância dos mandamentos de Deus no tempo do fim, os quais serão uma questão decisiva no fim do tempo (ver Apoc. 12:17. É indispensável notarmos a alusão ao sábado no final de Apocalipse 14:7. O contexto é claro ao nos informar que, no fim do tempo, todo indivíduo será um adorador: ao Criador dos céus e da Terra (v. 7) ou à besta e sua imagem (v. 9). No verso 7, ainda nos é dito qual mandamento será mais decisivo nos eventos que produzem o desfecho glorioso da História).
3. A suprema importância de ter a fé em Jesus.

MENSAGEM EQUILIBRADA

Nesta altura, o ponto que necessita ser enfatizado não é apenas que Deus nos deu uma mensagem específica,

A HISTÓRIA DO PASTOR ALFA



Delbert W. Beker

Diretor do
Oakwood College,
Estados Unidos

Quando habilidades intelectuais e técnicas são insuficientes para garantir o sucesso pastoral

O Pastor Alfa¹ concluiu com louvor seu preparo teológico. Distinguiu-se em grego, hebraico e teologia. É versado em hermenêutica bíblica, podendo explicar profecias difíceis, pontos teológicos complicados, e ainda pode citar uma infinidade de textos decorados. Ele possui um vocabulário extenso, voz potente e melodiosa, habilidade para colorir cada palavra e prender a atenção da audiência através de gesticulações dramáticas no púlpito. Tem ótima aparência e é bem casado. Parece ser o pastor ideal, com futuro promissor.

Infelizmente, porém, o ministério do Pastor Alfa não deslancha. Atolado na mediocridade, ele é transferido de um pastorado a outro, deixando atrás de si um cordão de problemas, queixas e irmãos descontentes. Aonde quer que ele vá, o relatório é sempre o mesmo: possui talentos e habilidades técnicas, mas não consegue interagir bem com o povo.

Falta ao Pastor Alfa habilidade para tratar com suas próprias emoções e as emoções de outros. Embora ele seja intelectualmente brilhante, carece de habilidades emocionais necessárias para relacionar-se positivamente com outras pessoas. Como resultado, coleciona experiências de fracasso, uma após outra.

Espera-se que pastores e administradores da Igreja no século 21 possuam habilidades tais como proficiência no conhecimento bíblico, capacidade de liderança, facilidade de comunicação, excelência em formação espiritual, capacidade para motivar, destreza organizacional, sabedoria no gerenciamento de conflitos, competência para solucionar problemas, entre outras. Podemos nomeá-las *habilidades rígidas*. Entretanto, em décadas recentes, tem-se esperado cada vez mais que os líderes possuam o que algumas vezes é chamado de *habilidades brandas*. Essas facilitam as boas relações interpessoais, revelam sensibilidade e entendimento no trato com as diversas personalidades. A isso chamamos *inteligência emocional*.

Definindo de modo geral, inteligência emocional é “a capacidade de compreender e administrar nossos próprios sentimentos e responder aos sentimentos de outros, de tal modo a gerar resultados positivos”. Em um obreiro cristão, poucas habilidades são tão importantes como a capacidade, espiritualmente fundamentada, de compreender e relacionar-se com suas próprias emoções e as de outros.

Lamentavelmente, porém, muitos líderes cristãos não possuem inteligência emocional. E o problema é que eles, frequentemente, não se dão conta dessa deficiência. Inteligência emocional é um dos instrumentos mais essenciais para o êxito de um pastor, seja no trabalho pessoal, na liderança de uma congregação, ou na estrutura administrativa denominacional. E apesar disso, em muitos círculos de treinamento ministerial, a inteligência emocional é pouco discutida ou mencionada.

Como cristãos, geralmente assumimos que o mandamento bíblico do amor (1 Cor. 13; Efés. 5; I João 3) é bastante em si mesmo. Isto é, *querer amar* já seria algo como amar ou saber como o amor funciona. Semelhantemente, é crido que a inteligência emocional de um líder já existe automaticamente com seu desejo de

amar. “Estamos sendo avaliados por novos critérios. Já não importa apenas o quanto somos inteligentes, nem a nossa formação ou o nosso grau de especialização, mas também a maneira como lidamos com nós mesmos e com os outros”, diz Daniel Goleman, em seu livro *Trabalhando Com a Inteligência Emocional*.² A pesquisa de Goleman demonstra que, na estrutura de uma organização, ter inteligência emocional é tão importante para o desempenho de uma liderança competente como ter QI junto com habilidades técnicas.

Há esperança para qualquer um que tenha a síndrome do Pastor Alfa! A integração de princípios de inteligência emocional no contexto do evangelho, e mediada por valores bíblicos, pode facilitar uma verdadeira transformação na vida do líder cristão. Existem cinco passos que conduzirão a mudanças positivas no relacionamento da liderança pastoral. Vamos a eles.

ACEITAÇÃO DAS PESSOAS

O ministério trata com pessoas. Amar e relacionar-se com diversas personalidades é o coração do pastorado efetivo. Cristo é o verdadeiro modelo de liderança e Seu ministério foi direcionado às pessoas, do início ao fim (Luc. 2:52). “Aquele que procura transformar a humanidade deve compreender ele próprio a humanidade. Unicamente pela simpatia, fé e amor podem os homens ser atingidos e enobrecidos.”³

A compreensão desse fato é crucial. Conhecimento e habilidades são importantes, mas não podem ser separados da inteligência emocional. Essa é uma necessidade real para o êxito da liderança do pastor. Paulo realçou a importância da inteligência emocional. Ele destacou as seguintes qualidades originadas pelo Espírito Santo, necessitando ser cultivadas e nutridas na vida do crente: “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra essas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Gál. 5:22-25).

Mas o apóstolo identificou também qualidades emocionalmente desinteligentes, emoções e ações que necessitam ser evitadas: “Óra, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituí-

ção, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como, já outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gál. 5:19-21).

A tarefa emocional dos pastores e líderes cristãos deve estar direcionada, primariamente, às pessoas. Essa primazia também é realçada pelo apóstolo Pedro, ao escrever sobre os princípios do desenvolvimento espiritual, relacionados em sua segunda carta (II Pedro 1:3-10). Bondade fraternal e amor são o cume na hierarquia das características espirituais vitais. A mesma ênfase é encontrada em I Coríntios 13, o bem conhecido “capítulo do amor”. Amar primeiramente a Deus, amar e relacionar-se de modo autêntico e sincero com as pessoas são as características mais importantes de um cristão.

Inteligência emocional, então, provê uma plataforma e um contexto para a demonstração do amor. Seus efeitos são óbvios. Quando um pastor exemplifica o amor e a autenticidade em seus relacionamentos e anima os membros em direção à espiritualidade, a igreja cresce e se desenvolve magnificamente. Inversamente falando, se o pastor exemplifica egoísmo e atitudes negativas, decaem a espiritualidade e a vitalidade da congregação.

NECESSIDADE DE MUDAR

Se uma pessoa enfrenta dificuldades na administração de suas emoções e trata desfavoravelmente ou-

tras pessoas, ela deve assumir a responsabilidade pelo que está acontecendo em sua vida e ministério. Entretanto, o pensamento convencional indica que apenas aproximadamente 20% de um determinado grupo estão comprometidos com mudanças pessoais em algum momento. Não raro, é difícil levar um líder à compreensão de que ele tem problemas e necessita mudar. Mas essa é uma mudança que deve começar com o indivíduo. As pessoas aprendem o que e quando querem aprender. Para começar o processo de mudança, tipos como o Pastor Alfa devem ter interesse, motivação e compromisso para ver a necessidade e admitir o déficit em seu ministério.

Um desafio frequente no campo da liderança é que as pessoas não dizem ao líder como ele está sendo observado, até que seja, às vezes, muito tarde. O líder sofre do que poderíamos chamar de miopia pastoral, ou seja, a incapacidade de ver-se claramente e, portanto, não perceber seus erros. Mas há indicadores que podem ajudar a entender a necessidade de mudanças: frequentes discordâncias, falta de cooperação, tendência ao isolamento, ansiedade, rebaixamento dos padrões espirituais, entre outros. O que acontece é que eles sempre são minimizados ou descartados.

Feliz é o líder que pode discernir espiritualmente as áreas de perigo. Igualmente bem-aventurado é o líder que recebe e aceita conselhos de pessoas preocupadas com ele, de modo que possa fazer alguma coisa para corrigir os erros.



DYNAMIC IMAGES

USO DO PODER TRANSFORMADOR

Uma vez que esteja claro que o líder necessita de ajuda, o que ele deve fazer? Embora o Espírito Santo seja a fonte e o catalisador de toda mudança genuína, a inteligência emocional é um instrumento fundamental para efetuar aperfeiçoamentos relacionais autênticos no líder. O desenvolvimento e prática da disciplina espiritual provê a necessária nutrição para a vida do crente (1 Tim. 4:7 e 8). Oração, estudo da Bíblia, serviço, mordomia e companheirismo com outros crentes encorajam o crescimento em maturidade, força, desempenho, sabedoria e fidelidade. A disciplina espiritual proporciona energia e autenticidade para conquistar os efeitos positivos da inteligência emocional na própria vida.

Indiscutivelmente, nenhum conceito tem desempenhado um papel maior no desenvolvimento da liderança nas últimas duas décadas do que o conceito de inteligência emocional. Os psicólogos John D. Mayer e Peter Salovey desenvolveram e definiram a inteligência emocional, nos anos 80; e a pesquisa de Daniel Goleman popularizou o assunto nos anos 90. Entretanto, os conceitos e princípios envolvidos são nossos conhecidos há muito tempo.

A inteligência emocional reconhece que todos os líderes experimentam emoções tais como felicidade, tristeza, ira, êxtase, terror, desespero e medo. Tais sentimentos geralmente são úteis na medida em que sinalizam informações a respeito de relacionamentos. Por exemplo, felicidade assinala a presença de relacionamento harmonioso; ao passo que temor indica um estado de ameaça. As emoções, então, ligam pensamentos, sentimentos e ações. Elas se tornam problemáticas quando dominam e controlam a pessoa.

Não raro, esse domínio é vagaroso em seu desenvolvimento e, portanto, ocorre sem que percebamos. Quando isso ocorre com um líder, há uma forte inclinação para desenvolver atitudes e comportamentos destrutivos da confiança nos relacionamentos, e complica o processo de tomar decisões. Entretanto, uma realidade complicadora adicional é que a inteligência emocional leva tempo para ser desenvolvida, porque o sistema emocional não é mudado facilmente nem rapidamente. Além disso, o processo de tais mudanças depende muito da interação social. Mudanças significativas raramente

têm lugar no isolamento, fora de relacionamentos saudáveis.

Desse modo, a inteligência emocional é adquirida através da experiência em relacionamentos. Ela requer tempo e diligência, mas os benefícios são óbvios e altamente compensadores. Emoções e ações são controladas, os níveis de estresse permanecem baixos. O líder fica mais habilitado a evitar dizer ou fazer algo de que se arrependeria mais tarde; comunica mais efetivamente e influencia outros sem conflitos indevidos. Crescem os relacionamentos com irmãos de fé, colegas e familiares.

As emoções desempenham um papel central em modelar pensamento e lógica. Novos avanços na área de neurofisiologia têm verificado esse relacionamento crucial entre valores, intelecto e emoções. Quando são experimentadas emoções tais como ira, tristeza ou temor, o cérebro humano é programado a responder à ameaça, ativando uma resposta emocional. É aí que se toma tempo para refletir sobre a situação. Com oração e ajuda do Espírito Santo, essa resposta pode ser racional e intencional. A dinâmica da inteligência emocional é colocada em ação. O pensamento claro, sob a influência do Espírito Santo, direciona positivamente as ações subseqüentes.

EXPANSÃO DO HORIZONTE

Daniel Goleman sugere duas amplas competências necessárias para a inteligência emocional: “competência pessoal”, capacidade que determina como nós nos gerenciamos, que consiste de autoconsciência e autogerenciamento; e “competência social”, capacidade que determina como administramos relacionamentos, que inclui conscientização social e administração de relacionamentos. Essas categorias oferecem aos líderes oportunidades infundáveis para avaliação e crescimento.

Autoconscientização. A primeira capacidade na categoria da competência pessoal é considerada uma das mais importantes coisas na vida de um líder. É estar consciente de suas emoções e seu impacto em outras pessoas. Essa categoria inclui autoconscientização emocional, auto-avaliação criteriosa e autoconfiança.

Autogerenciamento. É a habilidade de fazer com que nossas emoções trabalhem em nosso favor, não contra

nós. Inclui autocontrole emocional, transparência, adaptabilidade, empenhimento, iniciativa e otimismo.

Conscientização social. Significa compreender, aceitar e ser sensível às emoções e perspectivas de outros. Essa categoria inclui empatia, conscientização organizacional e serviço.

Administração de relacionamentos. É a construção de relacionamentos cooperativos e satisfatórios com outros. Inclui liderança inspiradora, influência, desenvolvimento de outros, gerenciamento de conflitos, construção de laços, trabalho em equipe e colaboração.

Na verdade, embora o conhecimento dessa terminologia seja útil, os líderes podem trabalhar com inteligência emocional sem saber nada sobre as categorias relacionadas, suas características e seu vocabulário. O conhecimento e treinamento em áreas específicas de inteligência emocional pode ser um grande auxílio, mas não absoluto.

Um líder pode determinar, pela graça de Deus e com crescimento pessoal ou esforço interpessoal, ser mais inteligente no âmbito emocional. Estando mais cômico das emoções e seu impacto – ao praticar as habilidades necessárias a compreender, administrar e relacionar-se melhor com as emoções – ele pode obter progressos.

É indispensável notar que os hábitos de saúde também exercem influência. Sono deficiente, hábitos dietéticos impróprios ou falta de exercício podem tornar mais difícil a conquista da inteligência emocional. Se essas áreas forem bem cuidadas, o desempenho da inteligência emocional no lar, igreja e nos círculos sociais pode ser positivo.

ESTRATÉGIA DE MUDANÇA

O Pastor Alfa está trabalhando para melhorar suas habilidades relacionais, determinado a fazer algo para mudar seu histórico de desinteligência emocional. Nesse ponto, ele necessita fazer um plano. Há três caminhos para quem desejar melhorar sua condição nessa área. Primeiro, avaliar honestamente sua presente condição de inteligência emocional. Isso pode ser feito particularmente ou com ajuda externa. Segundo, decidir o que você deseja como um ideal ou alvo de inteligência emocional. Finalmente, desenvolver um plano claro para chegar ao seu estado ideal. Avalie seu

progresso, para detectar as possíveis necessidades de mudanças no processo. A ajuda de um especialista ou um amigo pode facilitar esse trabalho.

Uma coisa que o Pastor Alfa compreendeu foi que grande parte do problema era sua falta de conscientização sobre suas emoções e o impacto negativo causado sobre outros. Ele resolveu fazer algo a respeito: está orando sobre o problema e prestando mais atenção no modo como aborda as pessoas e a reação delas. Agora, ele focaliza mais sobre o momento e as pessoas com as quais interage, em vez de insistir em uma idéia ou um projeto pessoal. Interessa-se pelos que estão próximos dele; começou a ouvir. Resolveu melhorar sua autoconscientização emocional e seu autocontrole, através da avaliação feita por si mesmo e por outros.

Também decidiu construir laços e melhorar o nível do senso de equipe e cooperação. Manteve-se focalizado em

seu projeto. Periodicamente, reúne-se com pessoas de confiança para refletir e avaliar como está indo. O plano está funcionando. O Pastor Alfa usou esses três pontos, com bons resultados. Avaliou-se para verificar sua condição, desafiou-se a perseguir um ideal específico, mensurável, e desenvolveu um plano para sair de onde estava e chegar onde deseja ir. E está feliz porque, com a ajuda de Deus e firme determinação, começa a ver progressos.

CRESCIMENTO CONSTANTE

E assim termina a parábola do Pastor Alfa. O líder que sente sua necessidade nessa área é único. Isso é porque as pessoas, e freqüentemente os líderes, não sentem que lhes falta inteligência emocional. É preciso coragem para um pastor ou líder cristão admiti-lo. É preciso determinação para comprometer-se a desenvolver um plano. Enquanto os líderes expandem sua compreensão da natureza humana e seu impacto sobre todas as

áreas da vida e interação, uma coisa é clara: mudanças podem e devem ocorrer, embora não aconteçam da noite para o dia. Alguns efeitos serão reais e imediatos; outros serão graduais e a longo prazo.

Nunca haverá uma formatura do nosso curso de crescimento em inteligência emocional. Esse é um trabalho da vida inteira. Mas, pela graça de Deus e o poder do Espírito Santo, junto com esforço pessoal, nosso ministério pode ser transformado. O desafio de ser autênticos, genuínos e líderes-servos amorosos pode nos levar a grandes alturas. Não desanimemos. O poder do evangelho, unido à determinação da vontade, pode realizar milagres. Nosso ministério e nossa vida podem ser transformados. ❖

Referências:

¹ Pseudônimo.

² Ellen G. White, *Educação*, pág. 78.

³ Daniel Goleman, *Trabalhando com a Inteligência Emocional* (Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva, 1999).

Treze hábitos pastorais emocionalmente desinteligentes

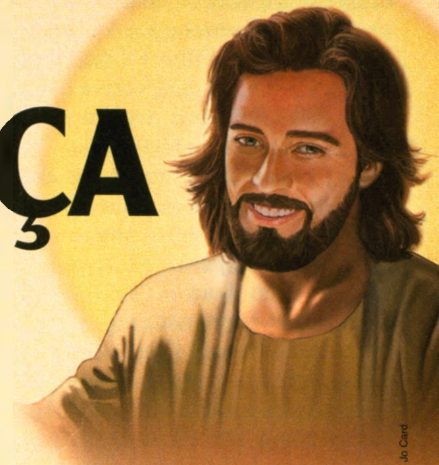
1. Criticismo
2. Autoritarismo
3. Indisposição para ouvir
4. Comunicação deficiente
5. Atitude inferior
6. Falha em delegar tarefas
7. Manipulação
8. Mente fechada a idiosincrasias
9. Inconsciência dos próprios erros
10. Negativismo
11. Colocação de coisas acima das pessoas
12. Rigidez
13. Atitude superior



Dez coisas que precisamos aprender uns com os outros

1. Comunicação (diga o que pensa, ouça com atenção)
2. Senso de comunidade (respeite a família, vizinhos, cidadãos)
3. Intimidade (conheça e deixe-se conhecer)
4. Bom humor (ponha a vida na perspectiva certa, iluminando-a)
5. Amor (genuína necessidade de dar e receber)
6. Entusiasmo (paixão, vitalidade, urgência natural, compaixão)
7. Partilha (valores, experiências comuns, coragem e força)
8. Apoio (encorajamento e reforço positivo)
9. Toque (abraço e contato físico são vitais)
10. Confiança (capacidade para ouvir e externar esperanças e temores)

O FUNDAMENTO DA LIDERANÇA



Peter J. Prime

Secretário ministerial
associado da
Associação Geral
da IASD

**Líderes
cristãos
efetivos estão
enraizados
na arte e na
ciência do
amor divino**

Aos cristãos de Éfeso, Paulo escreveu: “E, assim, habite Cristo em vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (Efés. 3:17-19).

Um estudo do hebraico, no Antigo Testamento, e do grego, no Novo Testamento, bem como do uso das palavras que são traduzidas como *amor* indicarão que essa palavra carregava muitos significados. No hebraico, desde que havia somente uma raiz básica (*ahabh*) para amor, não era difícil determinar a nuance pretendida do termo, sempre que ele fosse usado em um determinado contexto ou referência.

Por exemplo, nas seguintes referências, é evidente que no Antigo Testamento há duas utilizações diferentes da palavra amor em contextos contrastantes. Uma é positiva: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração...” (Deut. 6:5). O outro uso é negativo: “Ó homens, até quando ... amareis a vaidade, e buscareis a mentira?” (Sal. 4:2).

Em cada um desses casos, a diferença do significado da palavra amor deve ser determinada mais pelo contexto, do que por sua mera definição léxica. O significado de amar a Deus sobre todas as coisas está mais que anos-luz distante de amar a vaidade. Porém, a mesma palavra é usada nos dois casos. Então, de que modo, além do contexto, a diferença de significado deve ser determinada?

No Novo Testamento, onde havia mais opções de uso da palavra amor – *eros*, *storge*, *filia* e *agape* – o desafio de determinar seus diversos significados era mais sutil que no Antigo Testamento. Contudo, o mesmo princípio contextual, como sendo o maior determinante do significado ainda é muito evidente, como ilustram os seguintes exemplos:

“Porque o Pai ama [*fileo*] ao Filho...” (João 5:20). “O Pai ama [*agapao*] ao Filho...” (João 3:35). “... porque gostais [*agapao*] da primeira cadeira nas sinagogas...” (Luc. 11:43). “Porque Demas, tendo amado [*agapao*] o presente século...” (II Tim. 4:10). “... Balaão, filho de Beor, que amou [*agapao*] o prêmio da injustiça” (II Ped. 2:15). “Não ameis [*agapao*] o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar [*agapao*] o mundo, o amor [*agapao*] do Pai não está nele” (I João 2:15).

“DEUS É AMOR”

Em I João 4:8 e 16, o contexto mais amplo para determinação do significado particular de amor é sem paralelo e provê um significado que é tanto exclusivo como inclusivo. O contexto imediato de amor nessa referência trata da pessoa de Deus, que inclui Sua onipotência, onisciência, imanência, eternidade, santidade, misericórdia, justiça, fidelidade e perfeição. “Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. ... Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele.”

No contexto dessa afirmação, “Deus é amor” transmite o significado de que Deus é amor e ambos (Deus e amor) podem ser diferenciados. A melhor analogia para explicar esse paradoxo é a Trindade, a qual, do ponto de vista da diferenciação, consiste de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Porém, da perspectiva de igualdade, são Um. Jesus declara: “Eu e o Pai somos Um” (João 10:30).

Do ponto de vista da igualdade, “Deus é amor” significa que não existe diferença entre Deus e amor, a ponto de que ver e experimentar um é ver e experimentar o outro. “Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele” (I João 4:16). Porém, do ponto de vista da diferenciação, Deus e amor são tão distintos como são distintas as pessoas que formam a Trindade.

Não existe evidência bíblica de que sendo Deus amor, o inverso também seja verdadeiro, isto é, o amor é Deus. “Deus é amor” é onde a verdade total e primária começa e termina, e à qual nada pode ser adicionado, justaposto ou subtraído.

AMOR EM SALMO 136

O Salmo 136 é uma bela explanação da revelação bíblica de que Deus é amor, e assim contribui para desvendar alguns de seus significados ocultos. Em primeiro lugar, e isso é muito importante, esse Salmo separa o caráter do amor de Deus de todos os outros tipos de amor. O amor de Deus “dura para sempre”; os outros modelos são temporais. O amor de Deus alcança a eternidade, enquanto os outros tipos estão confinados ao tempo.

A repetição do refrão “Sua misericórdia dura para sempre”, que ocorre 26 vezes no capítulo, é mais que artifício literário. É uma representação exata da verdade sobre Deus. E essa verdade é que Seu amor único, que “dura para sempre”, O identifica na totalidade: como Ele é, o que é, o que pensa e sente, e determina tudo o que Ele faz, quando faz, onde faz, para quem e com quem faz, por que e como faz.

Nessa moldura, os primeiros três e o último versos do Salmo, convidam-nos a dar graças a Deus, porque Ele é bom, é Deus dos deuses, Senhor dos senhores e Deus dos céus. E a única razão para esse convite é que Seu amor “dura para sempre”.

Os versos 5 a 9 falam da criação do mundo, incluindo o Sol e a Lua como

sendo obra do Seu amor, que “dura para sempre”. Os versos 11-14, 16 e 21-25 cobrem uma vasta amplitude de Seus atos miraculosos de intervenção e libertação em favor do Seu povo. Destacam-se os atos da emancipação deles do Egito, a entrada na Terra Prometida e a providência de alimento para a humanidade. Nenhuma explicação é dada para tudo isso, senão o amor de Deus, que “dura para sempre”. Mesmo os atos divinos contra os opressores egípcios e a destruição dos inimigos do Seu povo, como Seom, rei dos amorreus, e Ogue, rei de Basã, são frutos do amor que “dura para sempre”.

A inferência óbvia é que a eterna duração do amor de Deus constitui Seu *modus vivendi* e Seu *modus operandi*. E por que é assim? Porque, do alfa ao ômega, Deus é amor.

AMOR EM I CORÍNTIOS 13

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. ... E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (I Cor. 13:1 e 3).

I Coríntios 13 diz explicitamente o que o Salmo 136 diz implicitamente: que qualquer coisa não fundamentada no amor que “dura para sempre” é infrutífera e insignificante. Sem esse amor, até a eloquência celestial é um barulho dissonante. Exercícios proféticos, capacidade para desvendar mistérios dentro de um vasto cabedal de conhecimentos, até mesmo o exercício de fé capaz de transportar montanhas, tudo isso é sem valor. A entrega dos próprios bens em favor dos pobres e a disposição voluntária de dar-se em martírio são também sem valor, se não forem atos motivados pelo amor que “dura para sempre”.

AMOR EM GÁLATAS 5:21 E 22

“E um deles, intérprete da lei, experimentando-O, Lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e

os profetas” (Mat. 22:35-40). “Faze isto e viverás” (Luc. 10:28). “Não há outro mandamento maior do que estes” (Mar. 12:31).

Na declaração de Jesus, de que “desses dois mandamentos dependem a lei e os profetas”, estava Sua compreensão de que eles incorporavam tudo a respeito das Escrituras Sagradas e tudo o que, em essência, elas diziam. “A lei e os profetas” é uma forma hebraica de referência às Escrituras.¹ “... E se há qualquer outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo com a ti mesmo” (Rom. 13:9).

“Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra essas coisas não há lei” (Gál. 5:22 e 23). Ao utilizar uma interpretação dos dois grandes mandamentos do amor, o texto de Gálatas 5:22 e 23 pode ser resumido nesta metáfora: O fruto é o amor, do qual alegria, paz, longanimidade e outros elementos podem ser descritos como partes integrantes, uma vez que se desenvolvem na inteira dependência do amor expresso em I Coríntios 13.

AMOR EM CRISTO E NA CRUZ

Na pessoa de Jesus Cristo, “Deus é amor” tornou-se carne; portanto, humanamente compreensível. Sua cruz tornou-se o símbolo de sua profundidade, vastidão, altura, e maior expressão. João diz que “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai” (João 1:14). “Quem Me vê a Mim vê o Pai” (João 14:9), disse Jesus.

Em Sua vida perfeita e cheia do Espírito, em Seus ensinamentos, pregação, ministério de cura, relacionamentos, em Sua liderança, atitudes de compaixão, oposição ao erro, Sua crucifixão, morte e ressurreição, Cristo representou a configuração completa e o significado do amor com todas as suas particularidades múltiplas. É esse Jesus, em quem “habita, corporalmente, toda a plenitude da divindade” (Col. 2:9), que é a definição e a incorporação perfeitas do amor.

O que seria se a vida, ministério, e morte de Jesus não tivessem sido fundamentados no amor de Deus que “dura para sempre”? Ou se um mero “j” de Sua vida, ministério ou morte estivesse baseado em qualquer outra coisa que não fosse o amor de Deus?



AMOR, MISSÃO E LIDERANÇA

O propósito da grande comissão está resumido nos dois grandes mandamentos do amor, conforme ilustrados na vida de Jesus Cristo. Ela nos vê, seres humanos caídos, respirando o próprio ar do amor, de modo que nos tornemos homens e mulheres amorosos. “Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia” (I Tim. 1:5).

“Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou e Se entregou a Si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave” (Efés. 5:1 e 2). “Todos os vossos atos sejam feitos em amor” (I Cor. 16:14). “Acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição” (Col. 3:14).

“Aquele que não ama permanece na morte” (I João 3:14). Não existe mais elevado objetivo na vida de um indivíduo do que amar a Deus com todo o ser e ao próximo como a si mesmo, experimentando, simultaneamente, uma cada vez mais profunda unidade com Deus e com o semelhante.

É imperativo compreendermos que há uma correlação direta entre os grandes mandamentos, a grande comissão e os grandes líderes. Se não fosse para consumir a grandeza dos mandamentos do amor e seu valor transcendente, a grande comissão não poderia ser grande. E mais: à parte dos grandes mandamentos de Deus e da grande comissão, em que lugar os grandes líderes poderiam ser encontrados?

OS GRANDES LÍDERES

Na moldura de Deus, os grandes lí-

deres estão de tal modo enraizados e fundamentados no amor da divindade, que tal amor se torna sua maneira dominante de ser, viver e liderar. Eles refletem o Salmos 136, no sentido de que como Deus, tudo o que são e fazem está baseado no eterno amor de Deus. Essa é a característica essencial da liderança cristã efetiva.

Quando estão “arraigados e alicerçados em amor”, o que significa estar intimamente ligados e fundamentados em Deus, os grandes líderes são canais únicos e excepcionais através dos quais o poder, a graça e a sabedoria de Deus podem fluir sem restrições, e Seus propósitos podem ser cumpridos. Exemplos desse tipo de liderança nos Antigo e Novo Testamentos incluem Abraão, Moisés, Josué, João Batista, Pedro e Paulo. O apóstolo Paulo afirmou a respeito de todos eles: “Pois o amor de Cristo nos constrange” (II Cor. 5:14).

Além disso, o que acontece com os grandes líderes é que o fato de estarem arraigados e alicerçados em amor não apenas lhes dá segurança, mas os ramos que brotam dessa experiência tendem a ser saudáveis e maduros. Quanto maior for a quantidade desses ramos e mais amadurecidos forem, mais efetivo o líder tenderá a ser. Alguns desses ramos ou características do amor incluem paz, alegria, fidelidade, humildade, bondade, domínio próprio, cortesia e paciência.

Os líderes apresentados nas Escrituras foram dotados com muitas ou todas as características do amor amadurecido, embora alguns deles fossem destacados por uma ou mais dessas características. Jó, por exemplo, distinguiu-se por sua paciência, em meio ao sofrimento. Abraão destacou-se por sua fé em Deus. Moisés foi conhecido por sua mansidão; Davi, por seu humilde e sincero arrependimento. Paulo, por seu extraordinário domínio próprio e inabalável comprometimento com a missão.

Os grandes líderes desenvolvem outros dons que são relacionados e

complementares aos ideais mencionados. Esses dons abrangem habilidades técnicas, comportamentais, afetivas e cognitivas, e servem para aumentar a efetividade e a eficiência na liderança. E para que tudo isso seja efetivo, deve estar fundamentado no eterno amor de Deus.

TEMPO DO FIM

Na igreja de Éfeso, no primeiro século da Era Cristã, tornou-se evidente que a liderança espiritual, fundamentada no amor, exercida pelos apóstolos e que teve resultados tão positivos no mundo, estava sendo desvirtuada. Os resultados foram a perda do primeiro amor e o risco de ter o castiçal tirado de seu lugar, a menos que os cristãos se arrependessem e voltassem ao amor original.

Na última igreja, Laodiceia, “o fervor do primeiro amor tem degenerado em egoísmo”.² O que devemos fazer? “Adquirir fé e amor ... que nos habilitarão a chegar aos corações daqueles que não O conhecem, que estão frios e alienados dEle, em descrença e pecado.”³ Para que a igreja da era laodiceana cumpra os imperativos de Apocalipse 14:6-12 e ao mesmo tempo encha a Terra com a glória de Deus, conforme Apocalipse 18:1, não há outra opção além da existência de uma liderança fundamentada no amor. “Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35).

Para que o tempo do fim dê lugar ao fim do tempo, a Igreja precisa ter uma liderança fundamentada no amor. E quando o mundo chegar ao fim e a Igreja atingir seu objetivo maior, não há melhores palavras que estas para descrever a transcendente utopia na qual nosso planeta será transformado: “O Universo inteiro está purificado. Uma única palpitação de harmonioso júbilo vibra por toda a vasta criação. DAquele que tudo criou emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, em sua serena beleza e perfeito gozo, declaram que Deus é amor.”⁴ ❖

Referências:

- Francis D. Nichol, ed., *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, pág. 484.
- Ellen G. White, *Manuscrito 61*, 1898.
- _____, *Bible Echoes*, 15/01/1892.
- _____, *O Grande Conflito*, pág. 678.

DO VAZIO À PLENITUDE



Ben Campbell Johnson

Ph. D., professor
jubilado, reside nos
Estados Unidos

**“Sem que
eu percebesse,
Deus estava
transformando
meus propósitos
e me levando
a um novo
começo”**

O mundo atual representa muita dificuldade para o pastorado. As igrejas são de uma enorme diversidade e alimentam as mais altas expectativas. Os pastores em geral lutam pela manutenção de valores e pontos de vista tradicionais, contra a pressão das incertezas morais e inovações, tão facilmente identificáveis em qualquer congregação. O pastor parece já não ser o referencial respeitado de antes.

No esforço para atender adequadamente os membros e realizar outras atividades, alguns trabalham excessivamente e, com certa frequência, encontram-se vivendo nos limites do esgotamento. E há também os que têm dificuldades financeiras. Não é de admirar que, a cada mês, entre 1.400 e 1.600 pastores de todas as denominações, nos Estados Unidos, deixem o ministério.

Recente pesquisa apresentada em um concílio luterano, em Missouri, revelou um misto de atitudes e sentimentos verificados entre pastores. Aproximadamente 30% disseram encontrar grande satisfação e realização pessoal no trabalho. Outros 30% mesclavam sentimentos negativos e positivos em seu ministério. Os 40% restantes estavam entrando no caminho do estresse. Existe ajuda para pastores que enfrentam tempos difíceis? É justo que esses homens continuem carregando sentimentos de frustração e derrota na mais elevada vocação?

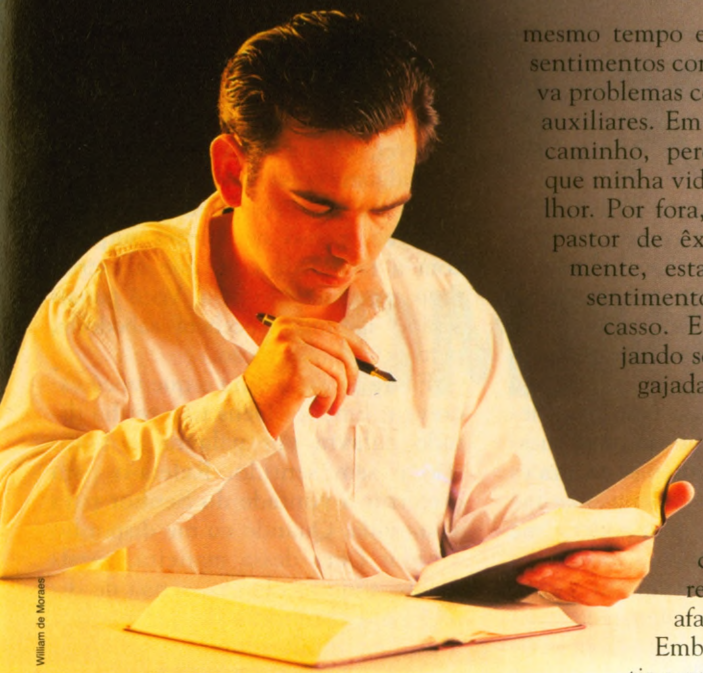
RENOVAÇÃO DO CHAMADO

Parte da resposta a essas questões reside na recuperação de um profundo senso de quem nós somos; compreensão de Quem nos chamou para realizar essa tarefa e o importante papel que temos a desempenhar na igreja e no mundo. Podemos encontrar uma nova visão de Deus em nossa vida, quando recordamos nosso chamado e a razão pela qual nos engajamos no ministério pastoral.

Sintomas de desânimo, esgotamento, fracasso e depressão não raro fluem de uma necessidade mais profunda: a carência de Deus. Nenhuma luta, decepção ou fracasso é demasiadamente difícil para Deus manejar. Os servos do Senhor receberam graça e ajuda no passado, e nós também podemos contar com Ele hoje. Estes não são os primeiros tempos difíceis enfrentados pelos ministros de Deus, nem serão os últimos.

Consideremos o testemunho de Paulo, desde o primeiro século: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a Sua vida Se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte; mas, em vós, a vida” (II Cor. 4:7-12).

O grito de Paulo indica que os servos de Deus, através dos séculos, enfrentaram tempos de perseguição, perplexidade, e até morte, mesmo sendo fiéis ao chamado di-



William de Moraes

vino. Enfrentar tempos difíceis não é coisa nova para um pastor; mas é sempre doloroso. Se pudermos ver a provação, na perspectiva do benefício à causa de Cristo, encontraremos força e coragem para enfrentá-la.

MEU TESTEMUNHO

A presença de Cristo se tornou real em minha vida quando eu tinha 17 anos. Sou pastor há 55 anos. Consegui graduação e pós-graduação em cinco universidades diferentes, servi como pastor durante dez anos e lecionei por 20 anos. Através dessas experiências, vez após outra conheci sentimentos de fracasso, esgotamento e solidão que diariamente me empurravam para baixo.

Em meu segundo pastorado, experimentei o sabor do sucesso. Apesar disso, eu lutava com sentimentos de dúvidas a respeito do meu chamado. Consegui reerguer uma congregação quase falida. Comecei um trabalho com leigos que produziu excelentes resultados; a igreja cresceu de tal modo que outras congregações imitaram o modelo adotado. A aclamação com que eu sempre sonhara veio em abundância. Infelizmente, porém, meu ego foi muito fraco para absorver o aplauso e avaliá-lo apropriadamente. E comecei a tentar viver segundo a imagem que os outros tinham a meu respeito.

Com o passar do tempo, eu me sentia cada vez mais vazio. A tensão de desempenhar um papel, de me sentir tão irreal, aterrorizou-me. Ao

mesmo tempo em que lutava com sentimentos conflitantes, enfrentava problemas com uma filha e com auxiliares. Em algum ponto desse caminho, perdi a esperança de que minha vida voltasse a ser melhor. Por fora, eu parecia ser um pastor de êxito; mas, interiormente, estava infectado com sentimentos de dúvida e fracasso. Encontrei-me desejando ser outra pessoa, engajada em qualquer outra coisa.

CAMINHO PARA DEUS

Então, alguma coisa aconteceu que renovou minha vida e afastou meus temores.

Embora não pudesse sentir a presença de Deus, sabia que Ele não me havia esquecido. Sem que eu percebesse, o Senhor estava planejando uma nova direção para minha vida. Enquanto eu sofria com pensamentos e sentimentos confusos sobre o rumo da minha vida, não compreendia que Deus estava transformando meus propósitos e me levando a um novo começo.

Certo dia, um amigo, também pastor, me deu um opúsculo de seis páginas, intitulado *Teach Me to Pray* [Ensina-me a Orar], escrito por W. E. Sangster. Comecei a lê-lo, mas coloquei-o de lado, porque não vi nada novo. Duas ou três semanas depois, senti-me compelido a ler o pequeno livro. Foi então que uma voz pareceu dizer-me: “Se a maneira como você está orando não está funcionando, por que não tenta colocar em prática estas sugestões?” Aceitei o desafio e decidi orar de um modo sistemático durante 30 dias. Aqui está o modelo que segui rigorosamente.

PELA MANHÃ

Acalme-se. Encontre um lugar quieto. Sente-se. Relaxe. Respire profundamente. Diga a si mesmo: “Estou aqui para encontrar-me com Deus. Nenhum outro compromisso é tão importante.” Leia um texto bíblico.

Adore. Pense na grandeza de Deus. Quão incrível é que Ele o conheça e deseje estar em sua companhia. Deus está ansioso para encontrá-lo. Adore-O.

Agradeça. Relacione as coisas que Deus lhe deu: família, amigos, saúde,

trabalho, igreja, lazer, alimento, vestuário, etc. Agradeça a Deus por tudo.

Dedique-se. Relembre os votos que você já fez como cristão, membro de igreja, pastor, esposo, obreiro. Reafirme-os, mas também focalize sobre este dia. Ofereça sua vida para servir alegremente a Deus, hoje.

Submeta-se. Imagine seu dia com Deus. Visualize-O em cada tarefa, cada oportunidade, no relacionamento com irmãos e familiares, e até nos imprevistos. Peça a direção de Deus e submeta-se a Ele em cada aspecto do seu dia.

Interceda. Faça uma lista de pessoas que necessitam ter um relacionamento com Cristo. Ore por elas. Inclua nessa lista aquelas pessoas que você ama e as que enfrentam dificuldades. Ore pelas autoridades constituídas. Se nossa imaginação pudesse captar o efeito da oração intercessória, oraríamos mais vezes e com mais segurança.

Peça. Diga a Deus o que você mais deseja na vida. “E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis” (Mat. 21:22). Não seja iludido pelo aparente cheque em branco dessa promessa. A resposta de Deus pode ser diferente das suas expectativas, mas é sempre a melhor resposta.

Confie. Ore a Deus e confie que Ele responderá. “... É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que Se torna galardoador dos que O buscam” (Heb. 11:6).

Esper. Em silêncio, espere para ouvir o que Deus deseja lhe dizer. “Fala, Senhor, porque teu servo ouve.” Repita o versículo para o dia, reflita sobre ele, escreva-o em um pedaço de papel e leve-o consigo.

À NOITE

Revisão. Identifique lugares e situações nos quais sentiu a presença de Deus, durante o dia, e agradeça.

Confissão. Note os sentimentos, ações e escolhas que foram contrários à vontade de Deus. Seja específico. Confesse e aceite Seu perdão.

Entrega. Libere-se para Deus, durante a noite. Ore para que você possa ter um sono restaurador, tranqüilo, na amorosa presença do Senhor.

Segui o processo durante 30 dias. No fim, identifiquei mudanças claras. Eu orava diariamente e comecei a sentir que estava realmente comungando com Deus. As orações eram respondidas; eu estava em paz e me sentia hem-vindo ao meu tempo diário com Ele.

O foco do meu ministério também mudou do medo para o deleite, enquanto eu aguardava o que Deus poderia fazer através da pregação, culto e visitação aos membros da igreja.

ABRINDO-SE A DEUS

A batalha que travei tinha que ver com minha auto-imagem, como expressar exteriormente a pessoa que eu era interiormente; como eu deveria ser exatamente a pessoa que Deus criou. Caí na armadilha de tentar ser o pastor que outras pessoas imaginavam que eu poderia ser. Essa distorção de nossa verdadeira identidade causa-nos excessivo gasto de energia, por querermos tentar agradar a outros. Era precisamente isso o que eu estava fazendo. A dicotomia entre quem eu sabia que era e o que os outros queriam que eu fosse levou-me ao ato de quebrantar minha vida diante de Deus.

A idéia de confrontar-me em toda a realidade bruta me veio de um escritor cristão chamado Francisco de Sales, autor de *Introduction to the Devout Life* [Introdução à Vida Devota]. Ele sugeria que eu entregasse a Deus todos os erros e falhas da minha vida. Sendo desafiado a confrontar-me diante de Deus, com todo o meu vazio, minhas falhas e hipocrisia, fiquei assustado. Mas eu tinha de fazê-lo. Como base para essa ampla confissão, primeiramente revisei o amor de Deus por mim. Lembrei-me de que Ele me ama, apesar do que eu possa ter feito, pensado ou sentido. Nada pode fazê-Lo amar-me mais nem menos do que me ama. Na confissão, nada que eu dissesse ou revelasse de mim O surpreenderia.

Com tal confiança, estabeleci um dia para fazer minha primeira confissão real. Iniciei com as lembranças mais antigas da infância, e coloquei diante do Senhor minhas ações, atitudes e meus sentimentos que negavam a Cristo. Mencionei-os um a um. Depois de cada confissão, eu perguntava: "O Senhor ama esta pessoa?" E um "sim" parecia soar em meu coração. Depois, comecei a confessar meus atos da adolescência, a exploração sexual, minhas indiscrições, mentiras, blasfêmias, desobediência aos pais, e total ignorância daquele a Quem eu estava confessando.

Enquanto eu caminhava através dessa lista, senti trevas sobre minha alma. Vendo-me em cada uma daquelas situações, direcionei o quadro para

a luz de Deus, que dissipou minhas trevas. Embora fosse uma experiência dolorosa, persisti em admitir e confessar a nudez da minha vida. No final, senti mais profundamente o amor de Deus pelo meu "eu real".

O mesmo sentimento de aceitação inundou-me, quando comecei a confessar as faltas da minha vida adulta: paternidade deficiente, cobiça, ambições falsas, materialismo, desejo de grandeza, luxúria, impureza, criticismo e orgulho, entre outras. E enquanto eu relatava os erros dessa fase, pude levantar um processo contra mim mesmo, enumerando centenas de razões pelas quais Deus não poderia amar-me nem perdoar-me, ou nem poderia me permitir partilhar da Sua missão no mundo. Minha auto-acusação, entretanto, não chegou ao tribunal da misericórdia divina. Deus me amou, aceitou e perdoou. Escolheu usar-me apesar de mim mesmo. Ele ajudará todo aquele que se Lhe render totalmente.

OUVIR A VOZ DE DEUS

Sempre somos aconselhados a procurar ouvir o que Deus nos diz, mas não somos informados sobre como fazer isso. Meditei sobre essa questão e achei interessante partilhar algumas idéias a respeito. Em primeiro lugar, acalme seu corpo e sua mente. Na quietude, comece a reflexão sobre as grandes questões da vida. Escreva em um caderno ou bloco de notas os problemas que lhe interessam ou perturbam. Comece com os mais difíceis. Quando entender que relacionou todos os problemas, reflita sobre seus relacionamentos. Note as questões que surgem. Quais são as que envolvem a família? Concentre-se, então, em suas congregações, a comunidade, o mundo.

Depois de ter exaurido as questões, observe-as em sua lista. Não tente respondê-las; apenas observe-as. Gaste o tempo que for necessário. E eu quero convidá-lo a confiar que Deus estará presente nesse momento. Enquanto você refletir sobre o que escreveu, Ele falará a você.

Em segundo lugar, faça a seguinte pergunta: O que o Senhor tem a me dizer? Tome a caneta e o papel e comece a escrever. Não se adiante na resposta. Capte as palavras à medida que elas borbulham desde o íntimo de seu ser. Não tente pensar sobre o que Deus deveria dizer ou o que você gos-

taria de ouvir. Simplesmente escreva o que vem de você. Deleite-se com essa experiência.

Em terceiro lugar, quando acabar de escrever, continue perguntando: Há mais alguma coisa que o Senhor gostaria de me falar? Ao olhar o que você escreveu, penso que ficará surpreso com a facilidade com que a escrita fluiu e o conteúdo dela. Você jamais será o mesmo. Receberá sabedoria, percepção e inspiração.

Finalmente, avalie o que você escreveu. Embora Deus não tenha ditado palavra por palavra, o texto não é sem sentido. Releia-o para discernir a vontade do Senhor para a sua vida. Quando eu me disponho a ouvir Deus dessa maneira, geralmente adquire clareza, senso de direção e a convicção de que não estou só em minhas lutas.

AMIGO ESPIRITUAL

Ao encontrar alguma coisa que me perturba, naquilo que escrevi, procuro um amigo espiritual com quem possa me aconselhar; alguém com quem eu posso falar, que não apenas me ouve, mas também oferece discernimento espiritual. Essa pessoa pode ser mais velha ou mais jovem do que eu. Mas esteja seguro de que seja alguém em quem você possa confiar. Decida o dia, lugar e a frequência dos encontros para dialogarem.

A amizade espiritual pode servir de guia para você, ou pode representar uma experiência mútua. Nesse caso, um plano funcional é o seguinte: Em um encontro, um dos participantes, expõe as questões que o incomodam. Segue-se um espaço de alguns dias, durante os quais o amigo espiritual estará orando em favor dos problemas apresentados. No encontro seguinte, os papéis são invertidos, repetindo-se o processo.

Não escrevi este artigo como um masoquista, exibicionista ministerial, nem para dizer que minha luta foi maior que a dos outros. Apenas apresentei um testemunho pessoal. Senti a dor de ser um clérigo lutando com questões pessoais e de liderança. Porém, meu senso de Deus e de mim mesmo, como pastor, aprofundou-se através dessa experiência. Se você é vítima de algum dos vírus que infectaram minha vida, experimente orar sistematicamente. Você poderá se surpreender com o que acontecerá em sua vida e seu ministério. ❖

O XYZ DA ADMINISTRAÇÃO



Divulgação

Prudence L. Pollard

Professora de
Administração na
Universidade La Sierra,
Califórnia

**Somado
aos recursos
espirituais,
o conhecimento
científico é
indispensável
à liderança
cristã
efetiva**

Embora eu tenha gasto grande parte do meu tempo analisando liderança corporativa de sucesso,¹ começo este artigo afirmando minha crença de que nenhum desafio da liderança secular é maior que o de encontrar líderes eclesiásticos. A experiência de ter servido como administradora em uma instituição denominacional, minha função atual como professora de Administração e a experiência de 25 anos como esposa de pastor me convenceram de que os líderes da Igreja enfrentam desafios significativos. Eles partilham muitas coisas em comum com a liderança de empresas lucrativas. Por exemplo, planejamento estratégico, gerenciamento de responsabilidade fiscal, solução de conflitos e maximização de recursos humanos, para citar apenas algumas.

A liderança eclesiástica também carrega uma responsabilidade única, que é representar Deus e Seu reino. Essa realidade frequentemente leva os líderes a focalizar sobre os recursos que nutrem a dimensão espiritual do seu serviço. Assim, a ocupação com textos bíblicos, oração, jejum e outras disciplinas espirituais constitui o fundamento para o exercício da liderança espiritual.

TEORIA X E TEORIA Y

Embora esses recursos sejam indispensáveis, os líderes espirituais também podem ser enriquecidos pelo acesso às pesquisas científicas atuais sobre liderança. Elas oferecem informações muito úteis e discernimento. Eu até diria que, em razão desses estudos identificarem significativas tendências dentro da cultura prevalecente, o desconhecimento de muitos deles pode levar a erros graves na experiência pessoal e profissional de um líder cristão.

Há três principais áreas de estudo na pesquisa organizacional: Como vemos as pessoas. Como as avaliamos. Como as designamos e organizamos. Todas as decisões do líder, tomadas nessas três áreas, são imperativas para a liderança eclesiástica. Assim sendo, o ponto inicial para a liderança cristã de sucesso é o modo como vemos as pessoas. Tal visão influenciará o modo como vamos administrá-las. Os princípios que fundamentam as teorias X e Y, popularizadas por Douglas McGregor, resumem as atitudes e disposições do líder em relação às pessoas.² Será benéfico resumir as hipóteses básicas de McGregor.

Líderes orientados pela teoria X tentam estruturar, controlar e supervisionar de perto seus liderados. Acreditam que necessitam de controle externo para tratar com indivíduos considerados irresponsáveis. Já os adeptos da teoria Y apóiam e encorajam os liderados, porque os vêem como pessoas automotivadas, desejosas de trabalhar muito, e interessadas em ajudar a organização, e a si mesmas, a alcançar excelência.

Após 30 anos de serviços prestados à minha Igreja, tenho observado que a maioria dos membros quer se sentir valorizada e envolvida. Assim, a teoria Y de modo geral parece ajustar-se melhor à igreja do que a teoria X. Contudo, pelo fato de os membros serem voluntários, é vital que sejam encaixados em ministérios compatíveis com seus dons e preferências.

A perspectiva de liderança da teoria X destoa da moderna ênfase empresarial no gerenciamento participativo, no qual os servidores podem contribuir para a solução de problemas do dia-dia e planejamento de longo prazo. A teoria X muito menos é consistente com o objetivo da liderança cristã de fazer discípulos e desenvolver apóstolos.

No estabelecimento da liderança cristã, parece-me que a obra do evangelho é redirecionar a teoria Y e enfraquecer a influência da teoria X. O evangelho no coração redireciona as energias do crente para o avanço do reino de Deus (ver Atos 9:1-22), não apenas ao progresso de uma causa terrestre. O líder cristão sábio está atento a isso, e a compreensão das teorias X e Y pode ajudá-lo a escolher sua perspectiva de liderança. Depois disso, ele precisa ter outra habilidade essencial: como avaliar pessoas para o trabalho.

Líderes efetivos devem fazer avaliações pessoais recorrentes tendo em vista a prontidão e a habilidade dos liderados. Isso está de acordo com os princípios de liderança situacional, estabelecidos por Paul Hershey e Kenneth H. Blanchard.³ Para eles, não existe algo como “a melhor forma”, única, para liderar pessoas. O contexto, habilidade, orientação e receptividade de um liderado têm importância. Portanto, o estilo de liderança que empregamos com pessoas ou grupos depende do nível de prontidão da pessoa a quem pretendemos influenciar.

A liderança situacional nos confronta com a questão sobre como avaliamos os liderados e, então, empregamos a liderança apropriada. Há duas maneiras de fazê-lo: considerando a conduta na tarefa e a conduta no relacionamento. “A conduta na tarefa ... é o grau de comprometimento do líder em definir os deveres e responsabilidades de um indivíduo ou grupo. Isso envolve falar às pessoas o que, como, quando, onde e quem fazer. A conduta do relacionamento é o grau de comunicação, em duas ou mais vias, em que o líder se ocupa. Esse comportamento inclui ouvir, facilitar e apoiar.”⁴

PRONTO, DISPOSTO, CAPAZ

A utilização desses dois comportamentos de liderança deveria ser guiada pela prontidão dos liderados. Prontidão é “definida como a extensão na qual o liderado demonstra habilidade e boa vontade para cumprir uma tare-

fa específica”. Note que junto com a prontidão estão habilidade e boa vontade. “Habilidade é o conhecimento, experiência e capacidade com que um indivíduo ou grupo realiza uma tarefa ou atividade. Boa vontade é o grau de comprometimento e motivação com que ele cumpre uma tarefa.”⁵

O êxito na liderança é determinado pela habilidade do líder para diagnosticar a prontidão do voluntário em seu ambiente de trabalho. O sucesso dessa diagnose determinará quão confiantemente ele poderá delegar tarefas.

Por exemplo, um presidente de Associação necessita designar um projeto a um entre quatro assessores. Sendo que o candidato A é hábil e tem boa vontade, o presidente pode entregar-lhe o projeto e usar um estilo capacitador. Dotado de iniciativa própria, A precisa o mínimo de fiscalização. O candidato B tem boa vontade mas não é habilidoso. O presidente vai acompanhá-lo mais de perto, para que o projeto tenha êxito. Se o candidato C tem habilidade mas não tem boa vontade devido à falta de experiência, mas, apesar disso, recebe o projeto, o presidente terá de usar um estilo “vendedor” do projeto, reunindo-se frequentemente com ele. Se o candidato D é incapaz e não tem boa vontade, o presidente deve usar um estilo mais agressivo de convencimento, ou recusar entregar-lhe o projeto. Ou pode escalá-lo para trabalhar junto com A; a menos ou até que ele mude sua atitude. Nessas circunstâncias, o presidente deve falar claramente com D.

A compreensão dessa estratégia de diagnósticos pode ser muito útil para que os líderes evitem frustrações na execução de projetos especiais, ou em designá-los a determinados auxiliares. Isso nos leva à teoria final.

TEORIA Z

Como organizar as pessoas. William Ouchi publicou sua teoria Z em 1981.⁶ Esse trabalho levou a análise organizacional para além da dinâmica psicológica das teorias X e Y que envolve o liderado individual. A teoria Z analisa a organização no aspecto sociológico. Considerando que as igrejas também se constituem associações voluntárias, culturas partilhadas, crenças e valores ajudam a conservá-las juntas.

Sendo assim, o modo como organizamos grupos é vital, não apenas para o êxito da missão, mas também para a

perpetuação da nossa cultura organizacional. Então, a formação de equipes deve ser cuidadosamente feita dentro das igrejas. Equipes são instrumentos úteis para o cumprimento de ações em uma organização.

São cinco os estágios na formação de equipes:

1. Formar significa orientar as equipes para o seu propósito.
2. Engajar envolve definição de papéis e tarefas dos membros da equipe.
3. Normatização chama a liderança da equipe para aclarar as expectativas comuns e pressuposições dos membros da equipe.
4. Execução induz a equipe a realizar a tarefa para a qual foi organizada.
5. Suspensão significa que a equipe é dissolvida depois que a missão é cumprida.

É importante que o líder desenvolva a equipe certa para o trabalho certo.

LÍDERES PARA HOJE

Liderar uma organização eclesial é uma experiência única e desafiadora. Entretanto, o modo como líderes cristãos vêem, avaliam e organizam as pessoas reflete como ele exemplifica o ministério de Cristo entre Seus seguidores.

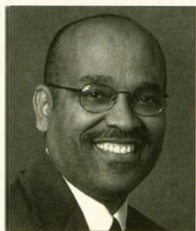
Considerando que a Igreja cristã é chamada a testemunhar e continuar o ministério de Jesus Cristo (Mat. 10:5-8; Luc. 10:1-12 e 17; I Ped. 2:8-10), o padrão contemporâneo de liderança é o de Jesus. A escolha dos discípulos mostrou que a visão que Ele tinha de Sua equipe afirmou seu potencial. Em pescadores de peixes, Ele viu pescadores de homens. Avaliou-os por sua boa vontade e habilidade (Luc. 6:12 e 13; Mar. 3:14), e os organizou para cumprir a missão, de modo que produziu os resultados que Ele esperava (Mat. 28:18-20).

Os líderes de hoje não devem fazer menos. ☐

Referências:

- ¹ Prudence Elveda LaBeach Pollard, *Requisite Managerial Leadership Behavior* (Ann Arbor, MI: UMI Press, 1993).
- ² Douglas McGregor, *The Human Side of Enterprise* (Nova York: McGraw-Hill, 1960).
- ³ Paul Hershey e Kenneth H. Blanchard, *Training and Development Journal*, Maio de 1969.
- ⁴ Paul Hershey, Kenneth H. Blanchard e Dewey Johnson, *Management of Organizational Behavior* (New Jersey: Prentice Hall, 2001), págs. 173.
- ⁵ *Ibidem*, págs. 175 e 176.
- ⁶ W. G. Ouchi, *Theory Z: How American Business Can Meet the Japanese Challenge* (Reading, Mass: Addison Wesley, 1981).

UNIDADE NA DIVERSIDADE



Roscoe J. Howard

Secretário da Divisão
Norte-Americana

**A igreja
deve abraçar
todas as
pessoas
e dizer:
Todos
somos um
em Cristo**

Os profetas da sociedade pluralista têm-se provado verdadeiros, anunciando um mundo de mudanças rápidas. Elas acontecem com tal velocidade que nossa teologia e nossa ética são desafiadas a manter-se em dia com a proliferação de novidades tecnológicas e a revolução social que vem atrás disso.

Segundo Max de Pree, “a primeira responsabilidade de um líder é definir a realidade”.¹ A globalização da tecnologia, comunicação e viagens tornou nossa realidade um ambiente culturalmente diverso que realça a questão mencionada por Spencer Johnson: “Acordei de manhã e notei que subitamente havia mais mulheres em meu trabalho, minorias na vizinhança, indivíduos com acento em todas as camadas sociais e pessoas grisalhas nos bancos da minha igreja.”²

Tudo isso está mudando a maneira de pensar, agir e liderar. A compressão do tempo, nossa habilidade para processar eventos e o modo como eles alteram tudo cobram seu preço aos líderes espirituais. Respostas a problemas complexos são exigidas num piscar de olhos. A era de informação é justaposta ao “desejo de relacionamento”. Somos uma sociedade mais isolada, absorta em uma espécie de novidades tecnológicas que nos torna mais eficientes e mais solitários.

Quando esses peregrinos solitários chegarem a uma das nossas igrejas, o que encontrarão ali? Uma comunidade inclusiva e sensível? Verão a tão ansiada unidade pela qual Jesus orou (João 17)? Estará essa igreja refletindo uma convivência sem hostilidade e competição cultural? Muito do que a igreja refletirá vai depender do líder. Henry e Richard Blackaby definem tal liderança como algo que “move as pessoas dentro da agenda de Deus”.³ Eles relacionam cinco elementos que se encontram por trás dessa objetiva definição:

- “A tarefa do líder espiritual é movimentar as pessoas de onde elas estão para onde Deus deseja que elas estejam.”
- “Líderes espirituais vivem na dependência do Espírito Santo.”
- “Líderes espirituais são responsáveis diante de Deus.”
- “Os líderes espirituais podem influenciar todas as pessoas, não apenas o povo de Deus.”
- “Os líderes espirituais trabalham a partir da agenda de Deus.”

Se cremos que isso é uma idéia razoável do que Deus deseja, então, existem certas áreas importantes que necessitamos compreender.

CONHECIMENTO DA CULTURA

Em primeiro lugar, todo líder espiritual deve examinar suas expectativas e perspectivas culturais, perguntando-se: Vejo-me como superior a outras pessoas e outros grupos étnicos? Estabeleço pressuposições que estereotipam as pessoas, a partir de características presentes em profecias? Considero indivíduos com pouca instrução formal menos valiosos do que os mais instruídos? Considero-me mais perto de Deus do que os membros de outras denominações? Como as questões raciais ou regionalistas afetam meu louvor, preferências e senti-

mentos em relação a tanta diversidade em minha comunidade?

Ao responder essas questões, podemos ou não estar desenvolvendo um etnocentrismo que sabota nossa habilidade de permitir que Cristo alcance outras pessoas por nosso intermédio. “Conectar a cultura que os tem formado com a cultura que os tem confrontado” é a desafiadora tarefa dos líderes de hoje.⁴

Junto com o autoconhecimento cultural, é importante compreender os valores, normas e crenças de outras culturas. Pesquisas em bibliotecas, diálogo com pessoas dispostas a expor sua visão de mundo, participação em grupos de estudos, seminários ou conferências e outras atividades criativas podem alimentar o discernimento interpessoal. Esse tipo de interação é indispensável. As pessoas precisam sentir que são valiosas e necessárias na comunidade cristã. Por isso, a comunicação constante e com propósito não deve faltar.

Milton J. Bennett, especialista em questões transculturais, estabelece que “a sensibilidade intercultural não é natural ... não tem caracterizado a maior parte da história humana. O contato transcultural freqüentemente é acompanhado por derramamento de sangue, opressão ou genocídio. Evidentemente, esse modelo não deve continuar. Hoje, a falha em exercitar sensibilidade intercultural não é simplesmente um mau negócio, ou imoral, mas é autodestrutiva.”⁵

Bennett é secularista e não alimenta muita esperança na igreja. Porém, os líderes espirituais devem provar que a unidade na diversidade não somente pode existir, mas pode brotar e prosperar na família de Deus.

INTENCIONALIDADE

Idéias de exacerbada autoconfiança, individualismo e independência não encontrarão lugar facilmente em uma igreja onde se focaliza a colaboração, unidade, e o trabalho em equipe. O líder espiritual deve conservar na mente do rebanho a lembrança de que o terreno onde todos nos encontramos fica ao nível do pé da cruz. Ninguém se encontra em um lugar mais elevado.

Os autores do livro *Leading Congregational Change* [Liderando a Mudança Congregacional] apontam que “quando vemos os outros como iguais, temos mais boa vontade em abraçar o espírito de unidade. E Paulo estabelece claramente: ‘Esforçando-vos diligente-

mente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz’ (Efés. 4:3).”⁶ A negação da igualdade está no coração de todo ato racista ou preconceituoso. Como líderes, devemos ter a coragem de subjugar as tendências cultivadas que nos induzem à impedir a prática da igualdade na igreja local.

O programa e visão do líder devem ser direcionados de tal modo que incluam o conceito de que todos os filhos de Deus são igualmente herdeiros da vontade e da revelação divina. J. Oswald Sanders escreve: “Só podemos liderar outras pessoas através da estrada que nós mesmos percorremos. Simplesmente apontar o caminho não é o bastante. Se não estamos trilhando o caminho, então, ninguém pode nos seguir; conseqüentemente, não lideramos ninguém.”⁷

A idéia de intencionalidade significa que a preocupação pela diversidade está sempre presente na agenda do líder. O que ele considerar importante se tornará importante para a organização e a comunidade. O líder deve ser intencional em urdir uma conscientização individual e coletiva de aceitação da diversidade, para minimizar o potencial de lutas que surge com o desafio de uma igreja diversificada.

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

A têmpera de todo líder é testada quando ele enfrenta conflitos. E é importante que ele compreenda a necessidade de possuir habilidades básicas para solucionar conflitos em seu ambiente. Stephen A. Macchia diz que “o conflito pendente é canceloso para os relacionamentos. A solução de nossos conflitos começa com uma avaliação honesta do nosso coração à luz das Escrituras”. Ele também acrescenta que “necessitamos meditar em passagens tais como Romanos 12:9-18; I Coríntios 13:4-8; Efésios 4:22-32; Colossenses 3:12-17; Hebreus 12:1-3 e Tiago 3:13-18. Então, nosso coração será preparado para administrar amorosamente o conflito à mão”.⁸

Porém, gastar muito tempo em conflitos culturais e mesmo interpessoais é penoso e, às vezes, um desperdício. Precisamos desenvolver habilidades que facilitem a mediação e agilizem a solução. O Espírito Santo pode nos assistir melhor em nossas diferenças, se nos colocarmos como instrumentos afinados nas mãos do Mestre.

VALORES ADICIONADOS

Toda a igreja será beneficiada quando as necessidades dos membros forem bem direcionadas. As pessoas precisam saber se são consideradas valiosas e se suas preocupações têm prioridade na agenda do líder. É nosso papel ajudar a modelar e criar um lugar de segurança e um sentido de pertinência para todos os membros.

Criar condições para facilitar o acesso dos deficientes físicos às dependências do templo é uma atitude que produz enorme satisfação para todo mundo. Essa amostra de sensibilidade intensifica a conscientização de todos os membros no sentido de tirar a atenção de si mesmos e colocá-la no serviço.

Criar atividades que envolvam os recém-chegados de outras regiões, cidades ou até países, assinala que o líder aceita a diversidade e está empenhado em estabelecer o tom fraterno da congregação.

Os benefícios que uma igreja recebe desse tipo de liderança são inestimáveis. Os membros apreciarão mais profundamente a imparcialidade, justiça e responsabilidade social, e aproveitarão melhor as oportunidades de ajudar os menos favorecidos membros da sociedade. Crescimento físico, mental e espiritual, saúde financeira, sentido de unidade no corpo de Cristo e testemunho poderoso são apenas mais alguns benefícios da sensibilidade do líder na busca de unidade na diversidade.

Almejo o dia em que minha Igreja abraçará as pessoas e dirá: “Todos somos um em Cristo.” E isso não apenas como uma expressão politicamente correta, mas como a essência do que realmente somos, como seguidores de Cristo. ❖

Referências:

- 1 Max De Pree, *Leadership Is an Art* (A Dell Trade Paperback, 1989), pág. 11.
- 2 Spencer Johnson, *Who Moved My Cheese?* (Nova York: G. P. Putnam's Sons, 1998).
- 3 Henry e Richard Blackaby, *Spiritual Leadership* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001), pág. 21.
- 4 Reggie McNeal, *A Work of Heart* (San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 2000), pág. 75.
- 5 Milton J. Bennett, citado em Lee Gardenswartz e Anita Rowe, *Managing Diversity: A Complete Desk Reference and Planning Guide* (Business One Irwing/Pfeiffer & Company, 1993), pág. 4.
- 6 Jim Herrington, Mike Bonem e James Furr, *Leading Congregational Change* (San Francisco: Jossey-Bass, 2000), pág. 19.
- 7 J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership: Principles of Excellence for Every Believer* (Chicago: Moody Press, 1994), pág. 28.
- 8 Stephen A. Macchia, *Becoming a Healthy Church* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1999), pág. 106.

ENQUANTO ELE NÃO VEM



James A. Cress

Secretário ministerial
da Associação Geral
da IASD

Os dias atuais exigem líderes tão fiéis a Deus “como a bússola o é ao polo”

Os líderes revelam mais claramente seu caráter na adversidade do que na prosperidade. Observe a hesitação de Arão e a fidelidade de Moisés nesta ocorrência: “Mas, vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, acercou-se de Arão e lhe disse: Levanta-te, faze-nos deuses que vão adiante de nós; pois quanto a este Moisés, o homem que nos tirou do Egito, não sabemos o que lhe terá sucedido” (Êxo. 32:1).

Cansado de esperar, o povo propôs ação imediata. Moisés estava fora da vista e o povo estava fora da fé. Infelizmente, quando deveria ter demonstrado firmeza, Arão cedeu aos pedidos para fazer deuses visíveis e, para isso, recolheu ofertas. “Recebendo-as das suas mãos, trabalhou o ouro com buril e fez dele um bezerro de ouro fundido. Então, disseram: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito” (v. 4).

Embora, posteriormente argumentasse que um fato milagroso produziu o bezerro de ouro, o próprio Arão, segundo as Escrituras, formou o ídolo e, em seguida, liderou a congregação no falso culto. “Arão, vendo isso, edificou um altar diante dele e, apregoando, disse: Amanhã, será festa ao Senhor. No dia seguinte, madrugaram, e ofereceram holocaustos, ... e o povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se” (vs. 5 e 6).

O Céu, entretanto, não ficou alheio à rebelião: “Então, disse o Senhor a Moisés: Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste sair do Egito, se corrompeu e depressa se desviou do caminho que lhes havia Eu ordenado; fez para si um bezerro fundido, e o adorou, e lhe sacrificou, e diz: São estes, ó Israel, os teus deuses, que te tiraram da terra do Egito. Disse mais o Senhor a Moisés: Tenho visto este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-Me, para que se acenda contra eles o Meu furor e Eu os consuma; e de ti farei uma grande nação” (vs. 7-10).

O salário do pecado é a morte, e Deus estava pronto para castigar Israel por sua rebelião, pecado que Ele declara igual ao da feitiçaria. Porém, como verdadeiro pastor, Moisés intercedeu, pedindo que sua própria vida fosse tirada, caso Deus não poupasse o povo, reivindicando a própria reputação divina:

“Porém, Moisés suplicou ao Senhor, seu Deus, e disse: Por que se acende, Senhor, a Tua ira contra o Teu povo, que tiraste da terra do Egito com grande fortaleza e poderosa

mão? Por que hão de dizer os egípcios: Com maus intentos os tirou, para matá-los nos montes e para consumi-los da face da Terra? Torna-Te do furor da Tua ira e arrepende-Te deste mal contra o Teu povo. Lembra-Te de Abraão, de Isaque e de Israel, Teus servos, aos quais por Ti mesmo tens jurado, e lhes disseste: Multiplicarei a vossa descendência, como as estrelas do céu, e toda esta terra de que tenho falado, dá-la-ei à vossa descendência, para que a possuam por herança eternamente. Então, Se arrependeu o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo” (vs. 11-14).

Assim como Deus respondera antes ao pedido de Abraão em favor de Sodoma, agora responde à súplica de Moisés, o que não impediu Seu julgamento. “Logo que se aproximou do arraial, viu ele o bezerro e as danças; então, acendendo-se-lhe a ira, arrojou das mãos as tábuas e quebrou-as ao pé do monte; e, pegando no bezerro que tinham feito, queimou-o e o reduziu a pó que espalhou sobre a água e deu de beber aos filhos de Israel” (vs. 19 e 20).

Note a diferença entre os estilos de liderança desses dois homens, ao ser cobrada a responsabilidade de Arão: “Que te fez este povo, que trouxeste sobre ele tamanho pecado? Respondeu-lhe Arão: Não se acenda a ira do meu senhor; tu sabes que o povo é propenso para o mal. Pois me disseram: Faze-nos deuses que vão adiante de nós; pois quanto a este Moisés, o homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe terá acontecido. Então, eu lhes disse: Quem tem ouro, tire-o. Deram-mo; e eu o lancei no fogo, e saiu este bezerro” (vs. 21-24).

A apostasia de Arão estava tão ligada à rebelião que ele atribuiu a seus esforços uma consequência milagrosa. O fracasso de sua liderança exigiu um chamado ao arrependimento e à reforma, especialmente à luz do escândalo causado ao nome e à reputação de Deus, diante dos inimigos. Assim, Moisés confrontou diretamente a questão. “Vendo Moisés que o povo estava desenfreado, pois Arão o deixara à solta para vergonha no meio dos seus inimigos, pôs-se em pé à entrada do arraial e disse: Quem é do Senhor, venha até mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi” (vs. 25 e 26).

Hoje, quando o retorno do Senhor parece demorar, Deus ainda busca líderes que saibam discernir a verdade, permaneçam firmes no que é certo e clamem por fidelidade radical aos planos de Deus. Como você e eu estamos liderando? ❖

A ORAÇÃO DO PREGADOR

“Senhor, ouvi Tua voz e temi. Chamaste-me para uma gigantesca tarefa, em um tempo solene e difícil. Ó Senhor, meu Senhor! Tens-me concedido a honra de ser Teu servo. Nenhum homem toma essa honra para si, a menos que o tenhas chamado. Ordenaste-me ser Teu mensageiro a pessoas de coração obstinado e indiferentes. Elas têm rejeitado a Ti, Mestre; e não é de se esperar que recebam a mim, o servo.

“Meu Deus, eu não quero gastar tempo deplorando minhas fraquezas, nem minha incapacidade para o trabalho. A responsabilidade não é minha, mas Tua. Tu disseste: ‘Eu vos escolhi’; ‘Eu os enviei’; ‘a todos a quem Eu te enviar, irás; e tudo quanto Eu de mandar, falarás’. Quem sou eu para questionar Tua escolha soberana? A decisão não é minha, mas Tua. Assim, seja feita a Tua vontade.

“Bem sei, Deus dos profetas e apóstolos, que, contanto que eu Te honre, me honrarás. Portanto, ajuda-me a honrar-Te em toda a minha vida e meu trabalho, quer no ganho ou na perda, na vida ou na morte; e que esse seja um voto inquebrantável, enquanto eu viver.

“Ó Deus, é tempo de agires, pois o inimigo tem assaltado Teus pastos, dispersando as ovelhas. Abundam falsos pastores que negam os perigos que rondam Teu rebanho. As ovelhas são enganadas por esses mercenários e os seguem com tocante lealdade, enquanto os lobos se aproximam para devorá-las. Peço-Te, dá-me perspicácia para detectar a presença do inimigo, dá-me compreensão para ver o mal e coragem para combatê-lo fielmente. Torna a minha voz como a Tua, de modo que a ovelha doente possa ouvir e segui-la.

“Senhor Jesus, venho a Ti em busca de capacitação espiritual. Unge-me com o Teu Espírito Santo. Livra-me da maldição do profissionalismo. Livra-me do erro de julgar uma igreja por seu tamanho, sua popularidade ou condição financeira. Ajuda-me a lembrar sempre de que sou um profeta, não um promotor, um gerente religioso. Proíbe-me de ser um escravo das multidões. Cura minha alma das ambições carnis e livra-me do desejo de publicidade. Liberta-me da escravidão às coisas. Leva-me, ó Deus, ao lugar de oração onde eu possa combater os principados e poderes das trevas deste mundo. Protege-me contra a intemperança no comer, beber, repousar ou trabalhar. Ensina-me a autodisciplina, para que eu possa ser um bom soldado de Cristo Jesus.

“Aceito o trabalho difícil e a pequena recompensa nesta vida. Não peço lugares e trabalho fáceis.

Cega-me para os falsos atalhos que possam facilitar a realização do trabalho. Sei que haverá oposição; mas ajuda-me a permanecer calmo e confiante quando ela surgir. Sustenta-me e livra-me do desânimo. Ensina-me a enfrentar toda situação adversa, à Tua maneira, de modo que nada prejudique a minha alma nem diminua minha espiritualidade. Se, em Tua permissiva providência, eu vier a ser honrado por Tua igreja, não me deixes esquecer que nada mereço; e que se os homens me conhecessem tão intimamente como eu me conheço, certamente me negariam tal honra ou a dariam a outros mais dignos de recebê-la.

“E agora, ó Senhor do Céu e da Terra, consagro-Te o restante dos meus dias, sejam eles muitos ou poucos, conforme a Tua vontade. Sou Teu servo, para fazer Tua vontade; e isso me é mais atraente do que ter fama, riqueza, ou ocupar altas posições na Terra. Embora eu tenha sido escolhido por Ti, e honrado com uma elevada vocação, não me deixes esquecer que sou pó e barro; um homem com todas as paixões naturais que maculam a humanidade. Portanto, peço-Te, meu Senhor e Redentor, livra-me de mim mesmo. Enche-me com o poder do Teu Santo Espírito de modo que eu proclame apenas a Tua justiça, enquanto tiver forças.

“Então, querido Senhor, quando chegar a velhice, e eu estiver cansado demais para continuar, leva-me em paz ao descanso, até o dia em que, na glória eterna, possa ouvir-Te dizendo:

“Bem está servo bom e fiel. ... Entra no gozo do teu Senhor.”

Aiden W. Tozer

RÁPIDAS

• A Igreja Adventista do Sétimo Dia, que agregou 900 mil membros em cada um dos últimos cinco anos, é uma das denominações que mais crescem no mundo, segundo o jornal *The Salt Lake Tribune*, de Salt Lake City, Estados Unidos. Num relatório que foi reproduzido em várias agências noticiosas americanas, a referida publicação observou que os adventistas têm um índice de crescimento cerca de quatro vezes maior que a Igreja Mórmon, sediada naquela cidade.

• Mais de oitenta mil pessoas já foram batizadas na Igreja Adventista do Sétimo Dia, desde o lançamento do programa "Semeando um bilhão", há dois anos. Líderes e membros das 13 Divisões mundiais da Igreja trabalharam para imprimir e distribuir 850 milhões de convites para estudos bíblicos em todo o mundo.

• A Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra, trabalha para melhorar a vida de pessoas afetadas pelo vírus HIV na África, através de um programa de treinamento denominado *Training of Trainers* (Treinamento de Treinadores), TOT. Desde julho do ano passado, o programa já capacitou 327 instrutores sobre o HIV e a Aids no Quênia, Gana, Zimbabwe, Nigéria e Ruanda. Esses treinadores já treinaram outros 3.571 conselheiros. Desde o lançamento do programa, 15.241 pessoas foram beneficiadas e 69.233 pessoas foram conscientizadas sobre os riscos da promiscuidade, em 549 comunidades no continente africano.

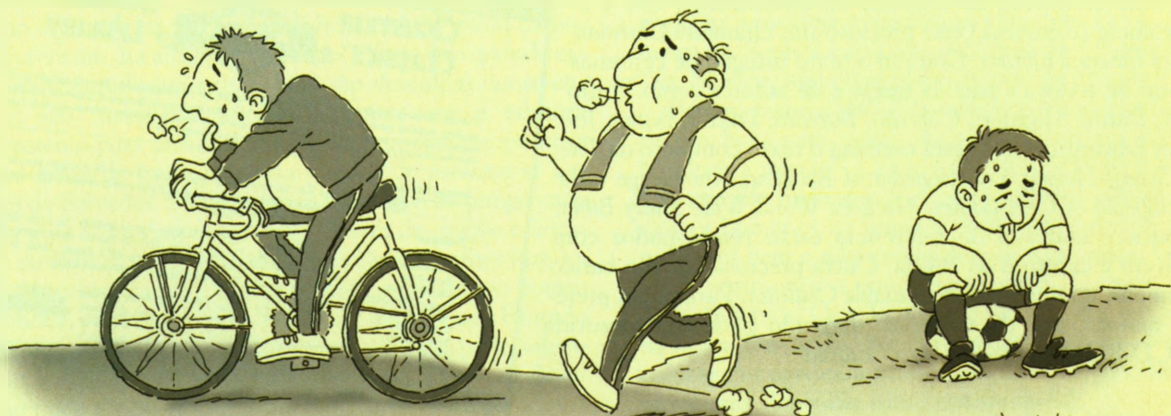
"Sejam quais forem as nossas responsabilidades, somos autoridades convidadas, servindo por um período, ao bel-prazer de Deus, com pessoas e projetos que não nos pertencem"

James D. Whitehead

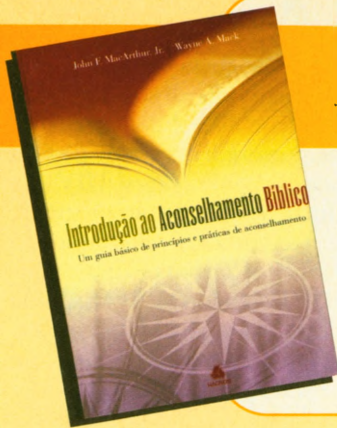
"Se nosso coração e mente não estiverem transformados, seremos como músicos tocando instrumentos desafinados, ou engenheiros trabalhando com computadores quebrados ou malprogramados"

Richard Lovelace

Humor



Hora do lazer no concílio pastoral



INTRODUÇÃO AO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

John F. MacArthur Jr. e Wayne A. Mack, Editora Hagnos, 437 páginas.
Tel/Fax: (0xx11) 5668-5668; e-mail: hagnos@hagnos.com.br

Este livro trata do aconselhamento, baseado em três convicções: 1) A Palavra de Deus deve ser a autoridade dos cristãos na ajuda a pessoas com vidas desestruturadas. 2) O aconselhamento é parte do ministério de discipulado da igreja local. 3) O povo de Deus pode e tem de ser treinado a aconselhar de forma eficaz. Será uma fonte valiosa para igrejas e pastores, à medida que ministram a homens e mulheres carentes de amor e esperança.

MANUAL DE TEOLOGIA SISTEMÁTICA

Wayne Grudem, Editora Vida, 551 páginas.
Tel.: (11) 6096-6814.



Escrito em linguagem clara e acessível, o Manual de Teologia Sistemática oferece a todas as pessoas a possibilidade de compreender os tópicos mais importantes e fundamentais da fé cristã. O autor é professor de Teologia Bíblica e Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School, em Deerfield, Estados Unidos.

A HISTÓRIA DA VIDA: VISÃO CRIACIONISTA DAS ORIGENS

Michelson Borges, Casa Publicadora Brasileira;
Tel.: 0800-990606;
sac@cpb.com.br

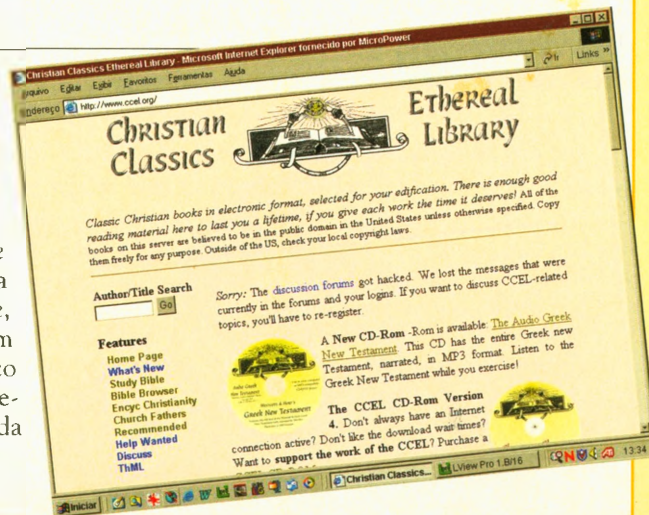


CD contendo textos sobre ciência e religião. Apresentações em PowerPoint; arquivos em JPG para DVD e roteiro para utilização das palestras. A Sociedade Criacionista Brasileira recomenda essa produção do jornalista Michelson Borges.

VEJA NA INTERNET

www.ccel.org

Uma biblioteca de clássicos do cristianismo. Isso é o que promete (e entrega) esse precioso site, chamado *Christian Classics Ethereal Library*. Contém o texto integral de centenas de obras de todos os pais da igreja e de autores como Philip Schaff, Dante Alighieri, Calvino, Bunyan, Baxter, Bonar, Jonathan Edwards, etc. Aí está também o texto completo da *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge* e da *Encyclopedia of Christianity*. Na área *World Wide Study Bible*, os textos e material de referência estão relacionados com cada livro e capítulo da Bíblia. Outra preciosidade é o banco de sermões, chamado de *Executable Outlines*. Para quem preferir, a maior parte do material oferecido pode ser adquirida num CD-ROM. – Márcio Dias Guarda





Alejandro Bullón

Secretário ministerial
da Divisão
Sul-Americana

A PRIMEIRA LIÇÃO DO PASTORADO

Não é fácil falar de coração a coração porque, ao fazê-lo, precisamos abrir o manancial da vida, o cofre onde guardamos os segredos mais preciosos, expondo nossos sentimentos, fraquezas, lutas e, muitas vezes, derrotas. Para chegar ao coração de quem ouve ou lê, precisamos ser honestos e nos mostrar humanos; porque as lutas e dramas dos outros não são diferentes dos nossos.

Nesta oportunidade, quero enfatizar a vida devocional do pastor; dizer que o tempo a sós com Deus não é opção. É o único caminho coerente na vida de um pastor. Você pode ser grande administrador, construtor, professor, pregador, comunicador, capacitador e tantas outras coisas, mas, se não tiver vida devocional, não será pastor. Será apenas um excelente profissional, talvez admirado e respeitado por todos, mas não pastor. O pastor é um homem de Deus, portanto, passa muito tempo a sós com Ele.

Se você me perguntasse, hoje, qual foi a maior luta da minha vida, ao longo de quase quatro décadas de ministério, minha resposta seria: Separar tempo diário para ficar a sós com Deus. Minha tentação foi sempre correr atrás do que considero dever e esquecer que o meu dever principal é aprender a ser um homem de Deus.

O ser humano gosta de inventar desculpas: “Estou muito ocupado”; “preciso terminar este trabalho”; “tenho uma agenda para cumprir hoje cedo”; “estou cansado, tive um dia árduo de trabalho”; “farei isto quando estiver tranquilo, amanhã”. Não são desculpas conscientes; são “justificativas” inconscientes que a criatura apresenta para deixar-se levar pela natureza pecaminosa que gosta de qualquer coisa, menos de assentar-se aos pés do Salvador. Se separarmos um pouco de tempo cada dia para ficar a sós com Deus, através da oração e leitura da Bíblia, não será porque seja fácil escolher fazê-lo. A natureza humana não gosta de passar tempo com o Senhor; prefere correr e “trabalhar para Deus”. Fazendo assim, corremos o perigo de achar que ação pode substituir a devoção, esquecendo-nos de que ação sem devoção pode tornar-se maldição.

Muitas vezes, encontro pastores desanimados diante de circunstâncias difíceis que o trabalho apresenta. Alguém me disse, recentemente: “Estou a ponto de desistir. Falta-me fé, sinto que não confio mais que é Deus quem dirige a Obra.” Você não confia? Os reveses da vida levaram você a um ponto em que a dúvida assalta o seu coração? Talvez precise lembrar o que Davi afirmou, quando vivia um momento difícil: “Em Ti, pois, confiam os que conhecem o Teu nome, porque Tu, Senhor, não desamparas os que Te buscam” (Sal. 9:10). Segundo o salmista, a confiança é o resultado de uma experiência profunda com Deus. Confiar no Senhor não é algo que acontece por acaso, é fruto do conhecimento. Ninguém confia em quem não conhece. Para confiar em Deus é preciso conhecê-Lo. E como conhecê-Lo se não passarmos tempo com Ele?

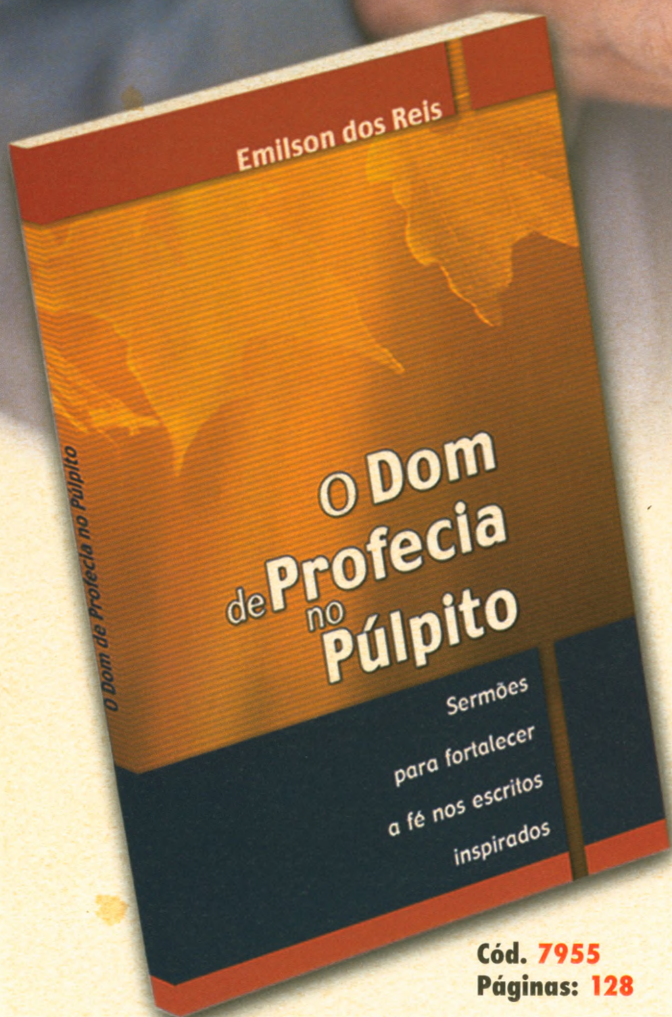
A igreja percebe quando o pastor conhece Deus. Existe algo diferente no olhar, no modo de falar, na pregação, na conduta e na hora da prova. Quando os vendavais da vida sopram implacáveis, você sabe onde se refugiar, se for um homem de Deus. Ao sentir-se incompreendido, rejeitado ou perseguido, você sabe onde estão os braços que podem ampará-lo. Ao se sentir machucado, sabe que Jesus pode consolá-lo. Sendo ferido, sabe que o Senhor pode curá-lo. O homem de Deus sabe disso,

porque se encontra com Deus todos os dias. Nenhum pastor conseguirá alcançar os elevados objetivos da sua vocação, sem uma experiência viva com Deus. A promessa do Senhor compreendida por Davi é alentadora: “Tu, Senhor, não desamparas os que Te buscam.”

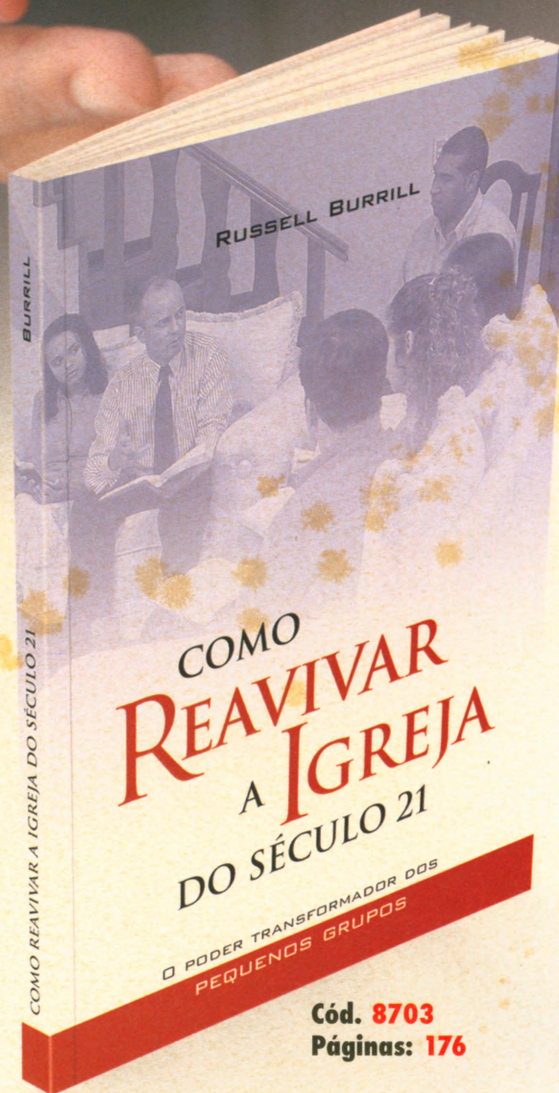
Porém, como é difícil buscá-Lo! Como é fácil correr de um lado para outro, de manhã à noite, tentando “cumprir a missão”! Como é difícil refletir e reconhecer que sem Ele nada somos! Como é fácil imaginar que os elogios humanos ao nosso trabalho são garantia de que tudo está bem e não precisamos de mais nada! Oh, Senhor, ensina-nos a entender que sem Ti, nada somos, nada podemos. Que Tu somente és a nossa força. Ensina-nos a buscar-Te, mesmo em lágrimas. Ensina-nos a colocar em prática a primeira lição da vida cristã e do ministério: depender inteiramente de Ti.

**Nenhum pastor
alcançará os
objetivos de sua
vocação, sem uma
experiência
viva com Deus**

Dois livros que não podem faltar na sua biblioteca



Cód. 7955
Páginas: 128



Cód. 8703
Páginas: 176

Uma série de 9 sermões que têm como objetivo dar uma clara compreensão do valor do dom profético para a igreja, através de Ellen White. Um livro que fortalece a nossa fé nos escritos inspirados.

Este livro é um apelo enraizado na experiência inicial do cristianismo e do adventismo para transformar os pequenos grupos no princípio organizador da igreja.

Adquira hoje mesmo!



Ligue **0800-990606*** | Acesse **www.cpb.com.br** | Faça seu pedido no **SELS** de sua Associação | ou dirija-se a uma das Lojas **CASA EDIÇÕES**

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h30 / Sexta, das 8h às 16h / Domingo, das 8h às 14h.